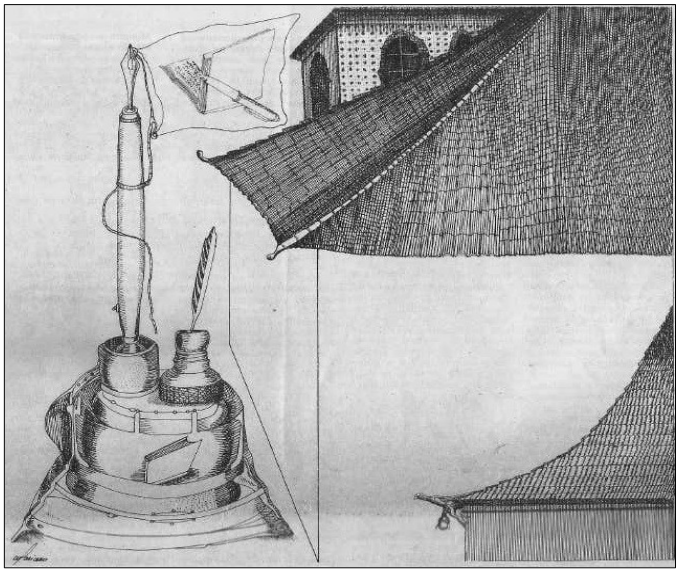
Salomão Rovedo

Crônicas



Maranhenses

Rio de Janeiro
2021

Nota

Este opúsculo reúne doze crônicas e um livro inédito de poesia devotada à capital do Maranhão, São Luís, escrito por João Rovedo, meu irmão. As doze crônicas (que foram publicadas em blog) estão reunidas e formam um corpo único temático resultado das muitas viagens que fiz a São Luís quando tirava férias. Era tempo de visitar o mano distante e também uma centena de parentes, primos, amigos e amigas. O livro inédito "A outra face da Ilha" vai no começo, não só como homenagem ao irmão já falecido, como também pelo tom apaixonado com que o poeta descreve a terra que escolheu para viver, tempero que também uso nas crônicas, como que para mostrar a alegria e o prazer que me dava revê-los.

Rio de Janeiro, Cachambi, novembro de 2021.

(Capa: Ilustração de Mariano)

João Rovedo
A OUTRA FACE DA ILHA
(poesia)
São Luiz - Maranhão
1ª edição 1984
2ª edição 2014

© João Rovedo
Apresentação: Fernando Braga
Capa: João Rovedo & Cláudio Ferro
Revisão: Danielle Amaral
Rovedo, João
A outra face da Ilha
2ª edição – São Luiz, 2014
88 p
1. Literatura brasileira: poesia
2. Literatura maranhense: poesia
I. Título
CDA 869.91

Apresentação

João Rovedo é o autor de “A outra face da Ilha”, livro com que abre uma porta ao universo poético maranhense, mais particularmente, de São Luiz, esse território de artistas e pensadores, de lendas e abusões.

Nesse campo real e mítico, os versos desse mercador de sonhos atrelam-se em espaços lúdicos onde, na maioria das vezes, se abstraem tomados pelas formas livres como a viração nas tardes da Ilha.

São versos quase dispersos que migram entre si, se identificam com os fatos visíveis da paisagem ludovicense, marcante no seu todo como contexto a realizar-se como ancoradouro emocional e visionário tendo como objetos os sobrados e sacadas, portais e janelas, fontes e mirantes, becos e azulejos como projeções em seus sentimentos e lembranças, símbolos mais que suficientes para motivação poética.

São ainda carregados de signos os poemas deste livro, que os fazem cambiantes, alguns aflitos e com gritos sociais, estridentes mesmo, bem à moda do tempo que ora passa; outros, embalados na boa querência, falam de amor à Ilha e aos frutos de sua eugenia, mas todos recortados por vezes de uma realidade que o limite é a franqueza.

“A outra face da Ilha”, do poeta João Rovedo, é manejado com características pessoais: são versos que emergem como partes naturais de seu intimismo, engenhados por crença do autor, sem pontuação, a conduzi-los a um único fôlego, mas que mesmo assim chegam plenos e inteiros ao outro lado da travessia, agarrados à palavra, essa lavoura indomável de estrutura verbal, esse encanto linguístico que faz a essência do poema ser eterna e com ela se corporifica e se espiritualiza e se personaliza.

Meu caro João Alfredo Boabeyd Rovedo, em obediência às determinações de Deus, sempre é tempo de ser poeta, mesmo que ali não mais tenha a face de ontem.

Fernando Braga

Aviso aos navegantes

Ao concluir a trilogia da vida: fazer filhos, plantar árvores e escrever livros, a ideia desta obra é também registrar um pouco do perfil humano – o lado visível –, digamos assim, da Ilha de São Luiz, gêmea física e social de outras tantas, onde seus nativos, ou quase todos, são massificados pelo dia a dia leviano, restando-lhes apenas o apelo que fazem em forma de cantos e encantos, para que melhores auroras cheguem com as boas vindas dos ventos gerais.

Nessa assertiva roguemos às palavras que se construirão em versos para que se reserve, ainda que em parcela ínfima, a esperança de ter ressonância nas futuras gerações, ainda que num aproveitamento crítico continuem o nosso canto que aqui fica, desta época, desta Ilha.

****

O porquê de "Saudade" – Dos muitos poemas escritos por minha mãe, este, aos 70 anos de idade, reporta desde quando nós, os filhos, éramos ainda muito pequenos. Com essa publicação repleta de lembranças neste "A outra face da Ilha", homenageio o seu amor extremado de mãe, a sua fibra imorredoura de mulher, forte como o cedro do Líbano, terra de seus ancestrais, e por fim à sua sensibilidade poética, nos ensinando que aqueles que se vão deixam muito de si.

O Autor

Saudade

Quanta saudade eu sinto
dos meus filhos pequeninos,
correndo pelo gramado,
brincando todos juntinhos.

Hoje todos separados,
uns felizes, outros não,
e eu sentindo amargurada,
a dor da separação.

Sou como a vela apagada,
andando de mão em mão,
sem ter amparo seguro,
rolando de chão em chão.

Tenho oito filhos queridos,
minha razão de viver,
também com setenta anos,
que mais eu posso querer?

Mizika Rovedo (1910-2004)

TOQUE

Não deite numa rede
Da Ilha
Sem antes sacudi-la.

RETRATOS

O que descrevo da cidade
É o que os artistas pintam
É o que os poetas cantam.

Está tudo aí à luz do sol
Sobre este chão que pisamos
Sob este céu que nos cobre.

QUATROCENTONA

São Luís
Há quatrocentos anos feliz
De dia
Cheia de encanto e saudade
De noite
Veste um céu estelar
Das ilhas
Tem a mais bela cidade
Para viver
E para sempre se amar.

VOO

Não existe algo mais belo
Que o mar.
Ou há?
Talvez uma gaivota
Antes de ser
Morta

Por uma bala torta.

FOLGUEDO

É o bumba-meu-boi
Da Ilha grande Ilha maior
Saudando o Santo Antônio
São João
São Pedro
São Marçal.

Vem da Maioba
Do Axixá
Do Ribamar
Do Cajapió.

Boi de zabumba
De orquestra
De matraca
De pandeirão.

Toda a Ilha se transforma
Em gigantesco arraial
Quando se ouve o troar
Das toadas do batalhão.

VITRAIS

Nos entrepassos do alvorecer
E paralelepípedos da Rua Grande
Rumo ao abrigo da praça João Lisboa
Para saciar a ressaca do bar
Duas Nações.

É quando os reflexos do sol
Como vias cambiantes da vida
Irradiam novo ciclo na Ilha
Nas sacadas e janelas abertas

Da manhã.

A ILHA

Nosso ocaso
É só um caso
Que por acaso
Quebrou o vaso
E virou descaso.

IDOS

Quando ainda existiam
Na Rua da Palma
Os cabarés e a boemia

Deixei a minha alma
Dividir amor em demasia
Entre putas que fingiam

Na ilusão não percebia
A verdade nua e crua
De que muitos chorariam

A morte daquela rua.

MATUTINA

Na excomunhão da noite
Foi somente o que restou
Uma estrela a testemunhar
As lágrimas da lembrança.

Na Ilha sequer a lua cheia
Que o amor incendeia
Vem dar o ar da sua graça
Para a solidão aplacar.

PRIMOGÊNITO

Para João Lucas Rovedo

Teu primeiro riso
Não pude sorrir
Teu primeiro olhar
Não pude ver
Teu primeiro aceno
Não pude responder
Teu primeiro pranto
Não pude enxugar
Teu primeiro amor
Eu vou te dar.

ÍNCOLA

No entremeio dos gatos
E ratos do Beco da Bosta

Uma rosa viceja ao rés
Dos últimos raios de sol

Somente então o poeta
Adormece os seus medos.

NINAR

Para João Afonso Rovedo

Das raízes do sonho és essencialmente
O fruto do sementismo imenso do ser
Germinado como imáculo presente
Que às nossas vidas fez reflorescer.

No teu primeiro ano eu com jeito

O boi-da-cara-preta já cantarolava
Então dormias acasalado em meu peito
A dizer que só o ninar não te bastava.

Os anos do futuro impassíveis virão
Não os temas – tua origem tem suporte
Alicerçado em grande amor e retidão
Só cultivarás semente proba e forte.

LAGOA

"Porque o que é verdade à luz da lamparina,
também é verdade à luz do sol".
Salomão Rovedo

Lagoa Nhá Jansen empírica
Vives de causas e de dramas
Entre uma e outra política
Muitas lágrimas derramas.

Lagoa Nhá Jansen cativa
Dos prédios e dos manguezais
Que ainda te mantém viva
Ecoando gritos e tristes ais.

Lagoa Nhá Jansen concreta
De coração sangrado e exposto
Estás sem rimas e sem poeta
Que te possa cantar sem desgosto.

Lagoa Nhá Jansen sem pose
Foram-se os tempos de esplendor
És somente uma lagoa – *à la rose*
Com o mesmo cheiro e a mesma cor.

PALAFITAS

Sobre o reino do *Chama maré*
As vidas em pau a pique e embira
Brincam no boi-de-taipa e de fé
Outras brincam no boi da mentira.

PESCADORES

MIRA
Ilha triste semblante
Mastro anzol velas
Leme vagas marinhas
Rumo ao pão dual
Da costa afã distante
Aceno pequeno adeus.

MIRA
Azul côncavo celeste
Verdejante brisamar
Labuta suor sonho
Balanço quilha profunda
Riso fruto a granel
Bênção certeza de Deus.

MIRA
Praia terra à vista
Sorriso indócil espera
Noite vida chegança
Morada canto sonante
Dia findo feliz
Ilha alegre semblante

MIRA

LIUZ

Pelos cantos das ruas e do passado
Piso as pedras calçadas da história

Marco os passos e ao silêncio atado
Trago amores e encantos à memória.

LUX

Estou no pensamento isolado
Na folha que baila ao vento
No papel que carece de sorte
Sonho mais que um sonhador

Estou no fim da fumaça
Olhando o mundo inteiro
Começo no meio da Ilha
Na Ilha que está em mim

Estou na estrela pálida
Na terra que não tem luz
Sou o fluido do carinho
Do amor que não se calou.

NATIVAS

Sempre nos vem esse sonho encantador
De uma esplêndida origem ou quaisquer
Das criações que Deus em sacro amor
Moldou esse encanto que se chama mulher

As mulheres são como jardins da Ilha
Negras ou brancas ou morenas nativas
Como a avó e mãe ou neta ou filha
São flores tais como as sempre-vivas

Mesmo na Ilha tão cercada de mágoas
De mãe a musas há delas centenas
Que usam armas que no amor deságuam
Como se fossem mulheres de Atenas

MÃE D'ÁGUA

O corpo das vestes despido
Que o circo lar te conduz
Sabe ser inconteste na fome
Da rima faz o pão
Na viagem de uma gota d'água
A luz viole(n)ta da vida
Converge às palafitas
Que emergem da solidão
E do mirante dos pós
Onde a palavra edita
Os dias que a vida escoa
No escarro dos avós.

SUB URBE

No submundo da cidade
Onde o menino na rua do Reviver
Homem defuma a mente com a diamba
Velho lava a alma com a catuaba.

No submundo da cidade
Onde o menino em qualquer Portinho
Homem logo rema atrás da vida
Velho escoa no beco do xirizal.

No submundo da cidade
Onde o menino em seu Desterro
Homem começa a trombar com a lida
Velho tropeça nos próprios erros.

No submundo da cidade
Onde o menino na Praça da Saudade
Homem possui a bêbada da rua venérea
Velho dá vida boa e vive a vagabunda.

No submundo da cidade
Onde o menino na Lagoa Nhá Jansen
Homem sem pai sem mãe e sem chão
Velho de vida sem a vida da Ilha.

No submundo da cidade
Onde o menino nos becos da Ilhinha
Homem corroído pelo crack
Velho sem alma e semivivo.

No submundo da cidade
Onde o menino nas lixeiras da vida
Homem adverte o alimento futuro
Velho ensina o que aprendeu da fome.

No submundo da cidade.

AS PRAÇAS

"Mas o nosso povo, punge dizer, tem particular
Desamor à coisa pública, mormente ruas e praças".
Domingos Vieira Filho

Algumas sem graça mas belos acervos
São essas tais praças jardins florestais
Umas com muitos ou poucos relevos
Outras com pompas são quase Reais.

Se uma do Lobo leva o abono
Uma outra seu dono é o Reis
A do Dias é sem abandono
Até a noite tem muito freguês

A do Leite não assiste a enterro
Esse evento é diário na Saudade
Enquanto reina calma na do Desterro
A do Lisboa movimenta toda a cidade

Nem a do Souza nem a do Andrade
Não se empresta sequer para fuxico
Além da do Deodoro por sua idade
Tiraram a sombra também do Odorico.

O poder não tem pena da Misericórdia
Nem do Catulo nem do Duque de Caxias
Já que servem como exemplo em paródias
Incluam a do Panteon nas profilaxias

A Primeiro de Maio foi com a da República
Rogar com Pedro II junto a Santaninha
Para que seja praça de fato pública
E escusa aquela que omitiu a mente minha.

INANE

Guarda lágrima no coração
Roto

Com novos sapatos pisa
A Ilha

Que imersa na noite estrelada
Molda

Uma mente de lixo num corpo
De luxo.

ROSA DOS VENTOS

Se me sinto nulo
Mudo e sem norte

Como a prece no escuro
A incomodar o silêncio

Logo me conduzo
Ao róseo retilíneo

Onde me transverso
Na via púbere do ócio

Pois a Ilha saliente
Em versos me convida

A bailar como um louco
Na dança do cio da vida.

BRUMADA

São lembranças em alfarrábios
Encimados na velha escrivaninha

Solidárias aos mirantes sábios
E aos beirais das andorinhas.

MIRAMAR

Nos mirantes da cidade
Ervas nascem plantação

Nos mirantes ziguezague
Racham réstias

Lodo limo construção
Nos mirantes da cidade

Vigas do tempo que pariu
Pontes vias invasões

Nos mirantes da cidade
Delírios visuais

Bondes odes procissão
Nos mirantes da cidade

Os fantasmas ameaçam
Do Portinho ao Pespontão

Nos mirantes da cidade
O só e a solidão.

RAIO-X

Toda beleza exterior
É tão envolvente
Que raramente
Se conhece a interior.

SEDIMENTAÇÃO

Na Ilha vou ficar
Vou andar até aonde
Deus não andou
Vou ficar sem pauta

Não irei sem lume
Como vagalume no dia
Sem algo além da solidão
Ilhado vou ficar

Sem pedir e sem medir
Fico o tempo preciso
Para que eu veja
O que Deus não vê

Antes de vagar pela Ilha
Travesso
Do que ir sem depois

Ou que eu me sinta

No anverso
No avesso.

INCONSÚTIL

Tantos segundos
Tantos minutos

Tantas horas
Tantos dias

Tantas semanas
Tantos meses

Tantos anos
Mais de meio século

A Ilha todo esse tempo
À minha volta

E eu às voltas
Com a solidão.

JORNALEIRO

> "Só para lembrar um integrante
> da paisagem da Ilha".

– Olha aí o jornal! Olha o jornaleiro!
Saiu o Jornal Pequeno e O Imparcial!
Grita e ensina esse bravo pregoeiro
Da vasta e variada notícia matinal

Seja Zé João ou Cezar Roberto
Todos fazem da manchete a labuta

Levando o noticiário longe ou perto
Sob a chuva sob o sol enfrentam a luta

Expondo ao leitor o direito à opção
Todo dia eles despertam de madrugada
Pois sabem que qualquer população
Desinformada não é civil não é nada.

OLHO D'ÁGUA

Do Olho d'Água
A água nos olhos
Nos olhos da menina
Espraiam a mágoa

Meus olhos enxáguam
A menina dos olhos
Seus olhos espelham
Nos olhos da água

A minha menina
Dos olhos deságua
Na menina da praia
Do Olho d'Água.

ORLA

Quando amanheço na praia
Com o sol aquecendo a Ilha
Sinto dos teus cabelos soltos
O cheiro do semiacordado

Os pés de murici ao vento santo
Como dando adeus ao longe
E a solidão pedindo
Que de lembranças não fale

É como a saudade
Fala quando se tem
Sem eira nem beira estou
Nada do que convém.

OCASO

Quando o canto da andorinha
emudece
O bando de guarás ao manguezal
desce

O sol se esconde
No mar
A Ilha se instala
No bar

Lá do alto do céu estrelado
vigia
Um homem na noite de almas
vazia

VIRAÇÃO

O vento que vira
No Canto da Viração

Assopra no contravento
Nos tira do tempo

Ou então nos mata
Nas vagas do Boqueirão.

ENSAIO

São Luís serena Ilha
De lendas de encanto

Do amor é a cartilha
Onde apreendo meu canto.

A OUTRA FACE DA ILHA

Foi amor à primeira vista
Por ser menino não sabia
Que a Ilha o atraía
Com a bruma do amanhecer
Para seus braços mornos
Braços de verde mar e sol
Onde brancas dunas o acolheram
As sombras de verdes matas
Muitas garças poucas farsas
No Largo dos Amores.

Foi paixão à segunda vista
Ainda rapaz não percebera
Que a Ilha o seduziria
Com o céu estrelado
Como um véu de luar
Luas diurnas na Beira-Mar
Cheia de cruzes vazia de luzes
Aonde o sal das lágrimas
O transpôs às lembranças
Que adulto não esquece jamais.

Foi solidão à terceira vista
Pois homem logo se deu conta
Que era a Ilha uma fantasia
Emergida de histórias desbotadas
Azulejadas de casualidade histórica
Porque a realidade do homem ilhéu
É que na maresia ele se esvai
Entre becos de lioz e cantaria
Até que de si ecoa um sussurro a Deus
Enquanto a Ilha festeja o Boi Barrica.

ERA UMA VEZ

Uma concha
Faz de conta
Que era uma concha
E não se dá conta
Que era realmente
Uma linda concha.

JURIS(IM)PRUDÊNCIA

...que poesia seria escrita hoje para o caso
do Convento das Mercês?
...qual bardo falaria do promiscuo caso
entre a memória e o poder?
Wagner Cabral Costa

À mercê está o sacrossanto Convento
Sem o oráculo do Padre Antônio Vieira
Que não permitiria servir de alojamento
A alma impura e fausta em eira e beira
Fosse ainda das Mercês o santo escudo
Epistolava aos quatro ventos sem louvor
Quem opugnou sua obra em fulcro mudo
Em espaço vadio e pagão o transformou
Ao discorrer o padre e verdadeiro mito
Usou o sermão como punhal latente
Em todos os escritos nos revelou
A certeza que não calaria o grito
Do estupro jurídico à luz do presente
Que ao bigodear espúrio acordo sela
O sepultar do corpo sem alma e sem critério
Convento é lugar de vida e contemplação
Lugar de mausoléu é no cemitério
Sem manto de jurisconsulto sem apelação.

PENITÊNCIA

Marginal eu sou
Por vivenciar
A mesa líquida
Sem pai sem pão

Marginal eu sou
Porque a liberdade
Sem razão sequer
Apodrece no peito

Marginal eu sou
Por habitar um lar
Sem uma euterpe
E sem habitat

Marginal eu sou
Por exalar nos hábitos
Toda a transparência
Da discórdia

Marginal eu sou
Por rastejar o âmago
E conviver solene
Com a solidão

Marginal eu sou
Por esfatiar o plantio
Sem colher o fruto
Então amadurecido

Marginal eu sou
Por conhecer a lição
E na vida aprender
A ensiná-la

Marginal eu sou
Por viver a vida
Que vivem as flores
Bio-efêmera

Marginal eu sou
Por não me querer
Assim como as pedras
Ser eterno

Marginal eu sou.

PREGÃO

Se ao te olhar eu
Te ver sem fiéis
É porque já nem sei
Quem és

Sem banco nem santo
Ao trilhares o revés
Deixaste de ser
Ao rés

Hoje dás
Vida aos rodapés
Só queres uns tantos
Mil réis

E algum brilho
Para compareceres
Ao leilão na Ilha
Nas ralés.

MOSAICO

Nesta Ilha verde e bela

O meu coração vadia

Entre ébrios eternos
Partes de uma aquarela

De um brilho opuscular
E de homens de mídia

Que por amores internos
Rasgam a veia jugular.

ROGATIVA

Não há nada especial
Nem pensamento
Ou poesia
Na Ilha nem uma sombra
Que se faça crucial
Ou heresia
Para amainar
Chamei de saudade
Para ficar comigo
Em seu lugar.

ECOS

Na flor do sexo há
A metade de um amor
Outra metade desatino

Onde passos clandestinos soam
Nas calçadas solares
Assombradas do Calhau

Do mirante o Jurupari
Nas palavras dita a vida
Que como punhais obscuros

Abalam o corpo a bala.

PÃO

Do poeta
são as rimas
as poesias
são da Ilha
as lágrimas
do poeta são.

TAPUITAPERA

"Ainda hoje em cada grupo de 12
há sempre 1 que se vende por 30 dinheiros."

Alcântara
De lendas em ruínas
E das doces ervas
Enquanto a chuva
Encharca o corpo
Os teus nativos
Ressecam o suor
Nas almas do Divino
E desse parágrafo histórico
Ao espaço te lançam metálica
Pois da Mesa do Imperador
Ao Pelourinho

Tens hoje o perfil
De futuras Malvinas.

RURAL

Ai quanta saudade do meu chão
Da lua cheia que a Ilha acata

Da luz oscilante do lampião
        Ai saudade como és ingrata.

S.O.S.

Elevem-me aos cumes santos
Atirem-me contra as pedras carcomidas
                Desta Ilha
Levem-me aonde não possa eu
Ver-me nos esgotos da superfície
Tirem-me de dentro dos becos
De paredes racistas
                Salpicadas
Com bosta de burros
Suguem-me o sangue e derramem-no
Nos murmúrios do sonho
                Nas raízes do mar
Joguem-me dos curtidos mirantes
Dos telhados suicidas
Das sacadas salitradas
Cercadas de medo
        De se ir
            De se ficar
                E não se voltar.

ILHÉU

Venho no caminho longínquo
Da Ilha pequena maior que eu

        Sentindo a veia pulsar
        A saudade que eu deixo

Que levo das paisagens
De rosas no verde florir

        Com doce sorriso despeço-me

Do silêncio profundo do mar

Para sair em grande cidade
Sem passar a minuída vivência

Mas com toda certeza de ser
Maior que o gigante concreto.

TRANSE

Em justa memória a esses malucos-beleza que, com peculiaridades distintas, marcaram época no calendário da Ilha.

Nos paços da Ilha há falso traquejo
Ao lembrar ***Maria-Tostão*** em becos insanos

Como de um fantasma o mesmo manejo
De ***Cara-Cagado*** veem ecos profanos

Incide o tempo travesso com graça
Mangando de ***João Pessoa*** e assim

Como íncola das travessas da Ilha
Ser ***Vassoura*** um dos parentes afins

O abrigo passarela de bondes na praça
Testemunho à desgraça de ***Boca-de-Solha***

Que nas roucas estórias noturnas sofria
Bógues e chutes de putas e qualhiras
Sobre portuguesas pedras em simetria
Rei-dos-Homens infante e dândi desfilava

Nenhum por mais que fosse afoito
De ***Bota-pra-Moer*** o lábaro tomava

Aquém do ***Paralelo-Trinta-e-Oito***.

ENTRETANTOS

"minha cidade não é mais aquela...
... os demônios do passado não são mais
meus companheiros".
Fernando Braga

Embora que muitos ainda te queiram
Já não quero tanto quanto quis outrora
Mesmo porque de uma ou outra maneira
Em mim muita saudade tua inda mora

Ébrio no entanto nos cantos das ruas
Vezes sem conta fiquei sem par
Sem saber qual face nua e crua
Na lenda das Minas querias ocupar

Assim te guardo na minha algibeira
Para não se perder a lírica encantada
Depois de ser a Atenas Brasileira
És capital da cultura nomeada.

VAGAS

Se da Ilha sair sem dúvidas
Sem dívidas sem dádivas

Libertando dos grilhões
O Cais da Sagração da vida

Que deu fulcro à sua história
Desde o nababesco viver

Ao mais imaginado possível
Que a Ilha depôs a seus pés

A alma nativa recusa esquecer
Impondo um castigo terrível

Se adernado navegar à deriva
E o Boqueirão acaso enfrentar

Somente assim saberá o que é
Ser o dono do mar.

O TREM

O trem que hoje passa
Por nós passa veloz
Na ponte das lembranças

Ao passar por nós o trem
Na curva da vida o comboio
No túnel do tempo passa

Veloz ao passar por nós
Vai levando esperanças
Nos deixando a saudade

E não a leva mais.

BECOS

"... E porque tudo tem dois, três e mais nomes".
Joaquim Itapary

Beco da Alfândega
da Baronesa
da Barreira
da Bosta
da Cadeia
da Cancela

da Faustina
da Felicidade
da Funerária
da Imprensa
da Lapa
da Pacotilha
da Palhoça
da Passagem
da Prensa
da Quinta do Barão
da Sé
da Varacaria

Beco das Águas Verdes
das Garrafas
das Laranjeiras
das Minas

Beco de Catarina Mina
de João do Vale
de Santo Antônio
de Todos os Santos

Beco Escuro
Feliz

Beco do Capela
do Caga Osso
do Coito
do Couto
do Deserto
do Desterro
do Jaú
do Mijo
do Oscar Frota
do Panaca
do Portão

do Portinho
do Precipício
do Prego
do Quebra-bunda
do Quebra-costa
do Rancho
do Seminário
do Silva
do Teatro
do Vira-mundo
do Xirizal
do Zé Coxo

Beco dos Barbeiros
dos Barqueiros
dos Burgos
dos Burros
dos Catraieiros
dos Craveiros
dos Engenheiros

Beco da Vida
Beco sem Saída.

SOB O CÉU

"Todas as coisas de que falo
estão na cidade entre o céu e a terra".
Ferreira Gullar

No baixo do casarão
O artesão

No Beco da Faustina
A cafetina

Na cachaçaria do Batista

O artista

No Canto da Viração
O ladrão

No Convento das Mercês
O burguês

Na Fonte Maravilhosa
A religiosa

No Largo dos Amores
Os sedutores

No Comércio do Ezequias
As especiarias

Na padaria Santa Maria
A iguaria

Na Ponta d'Areia
A sereia

Na praça Maria Aragão
O cidadão

No rés do abrigo
O mendigo

Na Rua do Chafariz
A meretriz

Na Travessa do Mercado
O diabo

Na Vista do Mirante
O traficante.

COMUNHÃO

Quando as subidas
comungando
subi
todas as flores
desabrochando
colhi

Quando as descidas
excomungado
desci
todos os cálices
envenenados
bebi.

AS FONTES

Na Ilha das fontes vertentes
A das **Pedras** é de lioz perene
Em águas de encantos perpétuos
Na **Colonial** ou na **do Marajá**
Há contos reais quase inconfessos
Como a **das Bicas** de indutiva sonata
Na **do Ingazeiro** ou na **do Apicum**
Onde as mentes como almas afins
Assombram o tempo na do **Mamoim**
Com louco tropel nas cantarias
Que ecoa nas galerias do **Ribeirão**
Mas a face elipse da Ilha inata
No silêncio **da Saudade** se desnuda
Se a face rebelde da Ilha reclama
A bênção a **do Bispo** inócua lhe dá
Então a outra face da Ilha
Suplica à **Fonte** (Iara) **Maravilhosa**
Que na dança das águas ensina

Entre cores e sons lágrimas derrama
Com medo da **Fonte da Vida** secar.

FRAGMENTOS

Da Ilha despeço-me

Nos subúrbios da solidão
Deixo meus traços meus laços
E o meu ensandecido aceso
A seus filho e netos e bisnetos

Da Ilha despeço-me

Nos braços tão gastos
Deixo meu coração em pedaços
Que os antigos azulejos
Moldam seu pretenso ser

Da Ilha despeço-me

Deixo na ótica do tempo
Os anos sem quatro estações
Alço voo dos seus mirantes
Como aves de arribação.

MENINA ROSA

A Ilha é menina
É Menina Rosa

A Ilha é vitrina
Da Menina Rosa.

TELHADOS

Nos telhados da cidade

Os preconceitos no tempo param
Sob os telhados sob entalhados
Nos tristes jardins suspensos
Como operários da mesma agonia
Da construção

Nos telhados da cidade
Um guardião do censo aborta
O encontro de todas as verdades
Nos mirantes alcoólatras
Como túmulos sobre a cidade
Em hibernação

Nos telhados da cidade
Gerações surgem sem comunhão
Sob as torres inservíveis catedrais
Ao homem sem padrinho sem telhado
No sobe e desse no desse e sobe
Da especulação

Nos telhados da cidade
Memorial compromisso do passado
Que sob aflitos telhados sofre
Apunhalado pela solidão cosmopolita
Que flutua como grilos como gritos
De paixão

Nos telhados da cidade
A história de estórias adormecida
Na integração do tempo nulo
Como encardido cemitério burgo
Destelhado sem opção de futuro
Sem ação.

MARÃ ILHA

Ilha
Beijada por marés e chuvas
Abraçada por fauna e flora
Por vezes até triste beleza
Em certas partes da História

Ilha
Às voltas com gaivotas em delírio
Agalha nas águas doces do tempo
As graças da garça alvo do homem
Como vigia os filhos da madrugada

Ilha
Sob o céu de soluaestrelas luzentes
As ondas de espuma avisam ao Norte
Que a brisa marinha azul espelhada
É um reflexo do semblante do Sul

Ilha – Complexa maravilha!

UPAON AÇU

A chuva respinga no telhado
O rouxinol canta no ninho da nação

A rosa vira estilhaços carnais
Na brisa florida estuprada

Pela pipira amarela e branca
Ou azul quem sabe verde

O sabiá já canta lá fora
No clarão do amanhã

De natureza sem dono sem patrão
Pois sem matas sem passarada

Já não há mais cores na Ilha
Não mais se ouve o canto da terra

A criança de encantos mil
Com se fosse de outro filho

Que quando nasce logo emperra
O ventre que lhe pariu.

MIRANTE

Para Artur Vieira

Ele viu a terra distante
Numa nau amurada de ferro
Flutuando no mar ondulante
Que lhe afogou o berro

Então seu grito emigrante
Gravou na areia o recado
De quem pariu soluçante
Deixando o coração fincado

Na certeza de voltar ele seguiu
Sentindo da intempérie a colisão
Até que um viver sólido sentiu
Ao desembarcar no berço irmão

Fica na Ilha o recado escrito
Esperando hora quase chegada
No regresso se ouvirá o grito
Avivando a palavra semiapagada.

SINAIS

De ti que viveste na Ilha
Ficaram fortes vestígios

Nos alfarrábios do tempo
E nos pensamentos
Que cultuam a língua
Do perdão

De ti que viveste na Ilha
Vestígios ficaram tais
Como acrósticos nos azulejos
Para sempre a lembrar
Que não poderemos
Te esquecer jamais.

BEIRA MAR

Manhãs de sol
São tantas são
O céu azul
Pinta de azul o mar
Doce balanço
Banco a navegar
Navegando o amor
No coração

Eu vou amor eu dou
Eu dou amor eu vou

Vejo mil letreiros
Coloridos
As copas na brisa
A bailar
Sonham em si
Sonhos queridos
Os que não tem
Tempo de amar

Eu vou amor eu dou
Eu dou amor eu vou.

IDÍLIOS

Os meus sonhos estão na Ilha
Perdidos na solidão da noite
Se encontrá-los
Não os pise
Pois os sonhos
São tudo o que tenho.

SENTINELA

Tu que ficaste na Ilha
A velar pelos restos de vida
Mortais

De um brado sem pai sem mãe
Sem filha

Buscando o que homem-ilhéu?
Sem pensamentos sem ventos
Sem cais

Tu que ficaste na Ilha
Não pela ausência infinda
Ou pelos anos sedentos
Mas pela sepultura úmida e fria
Onde mesmo quando lembrada
Em coitos vadios e ébrios
Não vais

Tu que ficaste na Ilha
Com a vida inerte isolada
No parêntese dos parentes
Sem voz sem aparte
Penais

Tu que ficaste na Ilha
Sem rota sem leme sem rima
Nem simples contos arrotas
Sem paz

E desavisadas mentes padecem
Por não te separarem da Ilha
Ou não poderes ser como tu
Jamais.

São Luís, 1984/2014.

Comensais apressados – comilanças

Ora, gente, comer não é apenas apear à mesa e avançar no arroz de cuxá, catraio à cabidela, uma salada de folhas partidas à mão. Nada disso. Nem somente embevecer-se com o feijão vinagreira, farofa de ovos, mexidão desfiado, essas coisas todas enfim – pra depois de um cafezinho emborcar numa rede e desmaiar até que as moscas intermitentes acordem o indigitado de sono tão traiçoeiro.

Comer é permanecer atracado à mesa fazendo companhia às moscas, sem ligar para o olhar pidão de quem ofereceu o banquete e agora só pensa em desmanchar a mesa, arriar o esqueleto num colchão macio pra revigorar as forças.

Só que estou falando de um dia em que dois de todos os comensais eram do tipo que descreve o parágrafo acima e, portanto nasceram como que grudados à comida de modo tal que nem a sobremesa de geleia de goiabada com queijo de São Bento nem os pigarros inconvenientes da dona da casa foram capazes de fazer com que levantassem o corpanzil da cadeira.

Foi assim que a mesa se tornou deserta e o que ecoava era a história da família, armazenada com cuidados especiais nas cabeças dos dois reminiscentes. Quincas, por ter a despensa da vida bem mais cheia que esta que vos fala, tomou a dianteira da narrativa que veio a enriquecer o papo, tanto mais quanto enriqueceu a cabeça do Rei Xariar os contos de Sherazade, que acabou por se tornar “O livro das mil e uma noites”.

A salada era de brócolis, alface, pepino, rúcula e nacos de queijo de São Bento, espalhados aqui e ali, mui bem regada com ótimo azeite, mais vinagre de vinho tinto, acetificado de modo caseiro mesmo. À bombordo da mesa um saquinho de chá verde desmanchava-se numa xícara de água quente, tomava cor exalando o leve aroma oriental. Sob a batuta de Quincas Oliveira pude navegar por terras do Oriente – Líbano, Zahle, Amã, Beirute, Jordânia e cercanias – terras de nossos antepassados, onde não faltou a marca temerária da metralha dos fedayin que rodeava a casa de um dos nossos primos.

Quincas foi e esteve lá – eu não – apenas pude arregalar os olhos ante a história que também era um bocado minha, desfrutando um "St. Costone 2011 Sangiovese Superiore", que ostentava o diploma de "denominazione di origine controlata", mas que bem poderia ter feito uma escala no Paraguay, posto que fosse bem fraquinho, o bordô, o olor de frutas tão distantes como a Cochinchina, onde o Diabo perdeu as botas, lá mesmo onde o vento faz a curva, pra lá da Patagônia!

Quincas contou-me de como atravessou desertos indomáveis entre tamareiras e oásis, cortando ruínas romanas, agarrando-se à mochila com medo de ser furtado por um mero camelo, daqueles tais que ameaçam fugir a qualquer espirro que soa! O fato é que sobreviveu e pousou em Amã, depois na Palestina e de novo em Beirute, de onde pegou voo para outras terras até aportar nesta terra de São Luís e me contar toda essa história, justo após desfrutarmos conjuntamente juntos um catráio de cabidela – ou a molho pardo, se preferem – mesmo ele xingando descaradamente o St. Costone, que prometeu nunca mais encarar.

Então minha gente, como disse lá em cima, comer não é apear à mesa como um troglodita, avançar no arroz de cuxá, no catraio à cabidela, numa salada de folhas partidas à mão como gente das cavernas. Nada disso! Nem somente embevecer-se com a tigela de feijão vinagreira, a travessa de farofa de ovos

(com farinha d'água), mexidão desfiado com jongôme, essas coisas todas enfim – para depois curtir um cafezinho e se emborcar numa rede, desmaiar até que os ataques das moscas intermitentes ou das muriçocas asiáticas acordem o indigitado de sono com picadas traiçoeiras.

Comer é permanecer atracado à mesa fazendo companhia às moscas e sobreviver. É estar ali sem ligar para o olhar pidão de quem ofereceu o banquete e agora só pensa em desmanchar a mesa, arriar o esqueleto num colchão macio pra revigorar as forças. Se o ato de comer não trouxer consigo todos esses ingredientes, não tem razão. Não tem razão de viver quem não aproveita a mesa de comer.

Sobre o tema, no meu espaço do facebook, em 22/04/2014, publiquei o seguinte texto:

"Meu primo Quincas – como eu – gosta de vinhos. Não somos expertos, nem enólogos metidos a besta: apreciamos, é simples. Dia desses ao almoço ele abriu a garrafa de um tinto italiano. Não era um Valentini ou um Poggio, nem tão encorpado quanto o Malbec, mendocino, ou o Rioja de Álava, mas era de cor sanguínea, com transparência mediterrânea. O primo não gostou – e quando não gosta, condena-o a vinagre, sem dó nem piedade. Terminado o almoço puxa assunto aqui e acolá, fomos levando a conversa para tons gostosos, enquanto vinha a sobremesa, até mesmo depois quando os pratos, travessas, talheres sumiram da mesa, tanto quanto o líquido esvaeceu da garrafa. Quincas socorreu-se de uma tapuiranas pra dissipar o apetite. Eu fiquei só diante da garrafa, vazia e grata a mim – por tê-la livrado do pior dos destinos do seu nobre conteúdo: virar vinagre".

São Luís, 27 de março de 2014.

Os nonagenários Obuobeid

Aniversários são gerações. Cada qual com sua historieta que nem sempre será contada. Certa família de sírios (sírio-libanês, como se dizia), de sobrenome Abu Obeyd ou Obu Obeid, certo dia resolveu largar as múltiplas estações de Zahlé, que culminam com inverno rigoroso, e partir para a América – oásis onde o mel jorrava aos borbotões, o ouro surgia das corredeiras dos rios, jogado à margem, os diamantes faiscavam nas areias das praias – segundo a fama que corria nas mentes aventureiras. E mais ainda: naquelas terras reinava a paz e as filhas dela eram belas, tinham olhos amendoados como as tâmaras, caminhavam flutuando, o corpo serpenteava tal e qual as odaliscas das mil e uma noites – eram ricas como as princesas huris.

Quem faz o Paraíso e o Inferno é a imaginação aventureira de cada qual, não é? E assim parte dessa numerosa família veio aportar mais ao sul das terras brasileiras. Alguns se enamoraram do litoral, que não tinham algum diamante senão a própria beleza das areias e do mar de águas ora azulina, ora esverdeada, outros partiram para o interior mapeando outras aventuras, terras férteis, montanhas de jade. Por obra e graça da fala portuguesa (começando a abrasileirar), os Abu Obeyd e Obu Obeyd, passada a informação boca a boca, se transformaram em Boabaid, Boabayd ou Boabeyd, conforme o verbo soasse na memória rítmica, nos ouvidos e na fala sonora dos funcionários da emigração ou escrivães dos poucos cartórios.

Muitos outros repetiram a dissonância: Oaquim, Wakim, Uakim, Waquim – tantos e tantos outros – somente o bíblico sábio Salomão se manteve íntegro por conta da fama de bom juiz – mesmo assim de vez em quando ainda chegam os Suleiman. Irmãos e primos da família emigrante se

disseminaram por Santa Catarina, estendendo as pegadas até os pagos mato-grossenses e gauchos. Mas jamais nas ilhas, que aos povos do deserto acendem recordações de contos espantosos: sempre a terra firme, continental, quando as passadas não se detêm por conta de algum mar ou disparatado rio de águas profundas – a terra firme na qual se pode caminhar em andança sem fim, até descobrir um descanso sombreado ou um colo poderoso da mulher amada.

Alguns, sentindo as agruras do frio cortante com que o minuano às vezes vergasta as terras do sul, voltaram-se para o nordeste e mais adentro, perto das matas verdes, rios, banhados, a misteriosa Amazônia botava nas mentes espantadas. Era certa natureza que se choca com as areias dos desertos da infância, como a Vila de Rosário, interior mais próximo da Capital São Luís que, como disse, por ser ilha não foi tocada senão para chegar à terra prometida, cercada de palmeirais incríveis.

Pois é desse Abu Obeid – já mitificado para o sonoro Boabaid – que gostaria de narrar a vida na estreiteza de um conto ou crônica, embora me falte mais ofício do que arte. Mas não falo, porque nada sei: faz apenas duas ou três gerações e a descendência já ignora o passado.

Nada sei... Pois daquele Jorge Salomão Boabaid sabe-se o quê? Quase nada, pois o que dirão algumas poucas fotografias ou a estória mal contada pelos ventos silenciosos? Descontados, ainda mais, o que deixou de ser contado e cantado, o primogênito que repetiu o nome Salomão Jorge, mas que carregou por igual o gene melancólico? Esse seria poeta e por ser poeta morreu jovem definhado pela tuberculose.

Do patriarca sabe-se que encontrou ali naquelas sertãs louras de Santa Catarina a alvura da pele, o olhar misto verde, dourado e azul – principalmente topou com a firmeza de propósito e caráter da mulher forte. Tanto era segurança de

sentimento, que ambos assumiram compromisso ao primeiro encontro. Assim, sem raptos nem sequestros, sem galopes de trem, nem montaria de cavalos, casaram-se na paróquia Nossa Senhora da Piedade, Jorge Salomão Boabaid e Adília Cascaes, em cerimônia singela, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário, em dia que o cronista não conhece.

Certamente o sol brilhou entre nuvens, o vento fresco, temperado pelas águas plácidas do Rio Tubarão, sacudiu a folhagem, embora tivesse caído faz pouco a chuva certeira do inverno. Ao fim da tarde os passarinhos retornavam aos ninhos. Mas agora, que o padre encerra a cerimônia sacramentando o casal, é de tarde, o luminoso raio roxo ainda rasga o céu em estrias, a brisa se acomoda, não levanta a poeira que viesse macular o vestido branco, simples, rendado, cuja extremidade desce até o chão. De longe soa o apito intransigente do trem que viaja para o sul.

Naquele momento em que caminha o casal para sair da igreja e marchar a pé até a nova casa da família, assiste com alguma surpresa o murmúrio crescer, algumas palmas, muitos sorrisos, abraços e vozes de parabéns, de felicidades. Não só a nave, mas por igual todo o adro da igreja estava agora apinhado, cheio de rostos conhecidos, outros nem tanto, refletindo a felicidade que fluía do casal. É que naquela hora o comércio ia acabando de fechar as portas e as pessoas, empregados e patrões, em vez de correr às suas casas, como de praxe, estavam ansiosas para assistir ao casamento de Salomão e Adília, cujo namoro perdera a aparência anônima para se transformar em conto de fadas.

Embora se julgasse que nesse dia feliz terminaria para sempre a peregrinação de Jorge Salomão Boabaid, que partiu incerto dia de Zahlé para se acastelar nas ancas fartas de Adília Cascaes, promessa de prole alvissareira – não foi assim. Algo dizia àquele libanês que em algum lugar mais ao norte, de certa outra vila ouviria o chamado.

Passado esse misterioso introito, como faziam os narradores árabes e persas, chegamos intactos ao ano da glória de 2015. Estamos numa casa aprazível de jardins gramados onde se homenageia os 90 anos de um dos troncos dessa árvore, Murillo Boabaid, que aportou no Rio de Janeiro para fazer-se arquiteto. Ali fez-se também amigo e companheiro de Sérgio Bernardes, num momento em que a arquitetura brasileira crescia e impunha o seu anseio universal ao aqui agora, mirando o amanhã como alvo.

Murillo Boabaid foi fiel companheiro de trabalho de Sérgio Bernardes por bem quatro décadas, tendo participado da maioria dos projetos da equipe, como os pavilhões da Companhia Siderúrgica Nacional no Parque Ibirapuera (SP), da Exposição Internacional de Bruxelas (Bélgica) e São Cristóvão (RJ), verdadeiras preciosidades da arquitetura moderna, que deram notoriedade à equipe.

A história do Pavilhão de São Cristóvão – hoje Centro de Tradições Nordestinas – começa quando Sérgio Bernardes pelo empresário Joaquim Rolas, para erigir no Campo de São Cristóvão, um pavilhão para atividades comerciais – como que prenunciando os modernos shopping center. Dois problemas tiveram solução bem nossa. 1) A forma elíptica do terreno, resolvida com a estrutura de concreto em onda, a cobertura suspensa em cabos de aço tensionados – experimento da arquitetura brasileira e base do que seria a ponte estaiada. 2) O calor da região: sendo os grandes vazios preenchidos com tijolos de saibro, permitiram a ventilação cruzada através do vão, tornando o ambiente agradável.

Eis como se erigiu o Pavilhão de São Cristóvão que, assim como os tradicionais postos de salvamento das praias, se tornaram obras populares, enraizando-se na alma e no dia a dia do carioca, como era a ideia do arquiteto mais modernista do Rio de Janeiro. Os Postos da orla carioca viraram ponto de

referência e de encontros amorosos – muitas paixões nasceram em encontros marcados nos Postos, que estavam assim programados: Leme e Copacabana – Postos 1 a 6; Arpoador, Ipanema e Leblon – Postos 7 a 12; São Conrado – Posto 13; Barra, Recreio, Prainha e Grumari – Postos 14 a 27.

O entrelaçamento do Boabaid com Cascaes, já estaqueados em terras catarinenses, resultou em gene vivaz e longevo, pois esses e mais outros de gerações passadas e recentes, parentes e aparentados, não se vexam de ultrapassar com naturalidade a barreira dos oitenta e noventa anos, como a maioria das mulheres da família. Especialmente para a ocasião chegou ao Rio de Janeiro uma caravana comandada por Joaquim Itapary, que aqui chegado convocou voluntários para a empeitada. Para resumir esse aporte, eis como a notícia saiu no Estado em 15/7/2015, homiziada na Coluna de do notável articulista PH:

A mesa maranhense celebrada no Rio

Com sua requintada e inimitável arte, sobretudo no trato de pescados e frutos do mar, a mesa maranhense, na sua mais genuína tradição familiar, acompanhou meus amigos Joaquim e Edna Itapary para ser celebrada em Copacabana. Celebração que ganhou a forma de um almoço dos deuses, com produtos levados da terra e preparados por uma artista da gastronomia sofisticada – a conterrânea Ângela. Uma catedrática do paladar. A tradução desse almoço suntuoso se expressou concretamente na salada puxada a camarão, na excelência da torta de camarão seco (cada vez mais difícil de ser apreciada na falência global em curso da memória do gosto), no arroz de cuxá, aromático, de textura delicada e no delicioso peixe frito, desidratado de toda gordura, sem ficar ressequido, sem perder a consistência macia, que afaga e reverencia as papilas. A mágica de um ponto de fritura que só a cozinha maranhense sabe alcançar. Mágica democratizada, um bem cultural popular, pois ele se exerce também nas barracas de praia. O que tanto encanta os europeus em veraneio pela terra. Na

sobremesa, foram servidos as nossas compotas de doce, com um queijo de São Bento feito a capricho e creme de bacuri. Não foi menor a imaginação, o espírito e o bom humor do papo que balizaram o almoço, tendo como convivas Dayse e Murillo Boabaid (tio de Joaquim, artista plástico e arquiteto); Luis Eduardo Homem de Carvalho; o jornalista Napoleão Saboia e o escritor Salomão Rovedo; a médica Luzia Abreu, além de Márcia e Marko, filhos dos nossos Edna e Quincas. Quem esteve presente conta que nas despedidas, o abraço mais apertado foi para Ângela, a grande artífice do que serviu de carro-chefe de um momento inesquecível de prazer.

Assim é que estivemos reunidos para celebrar a vida de Murillo – como eu também um Boabaid – que chegou aos noventa anos pautada em tornar a existência do homem simples e objetiva. Por isso estão todos ali reunidos, de copo nas mãos, alegres, conversando e sorrindo, gente que há tempos não se via, em comunhão e abraço, porque esse é também sempre foi um dos ideais desse semeador de concreto, madeira, sonho.

Rio de Janeiro, Cachambi, novembro de 2015.

Onde andará Lindevania?

Lindevania Martins
Anônimos: Invenções de Amor, Morte e Quase-Morte
Contos
Prêmio Odylo Cota, filho - 26º Concurso Cidade de São Luís
FUNC – São Luís – MA. – 2003

Sempre que vou a São Luís – como em outras cidades – acabo circulando entre livrarias, sebos e feiras que vendem tudo, em busca de livros novos e usados. Procuro por autores conhecidos e desconhecidos, velharias antigas e gente que nunca li, inéditos aparecendo em livro, que pode gerar outro e mais outro ou que serão início e fim de uma carreira de escritor. Saio com a maçaroca de volumes numa sacola, levo pra casa e aos poucos vou deglutindo as vítimas de um leitor lento em demasia.

Às vezes pego o livro, leio um bocado e marco o número da página para reiniciar, depois sigo em frente rumo a outro autor. Nunca cometo o sacrilégio de dobrar o canto superior da página, como fazem muitos. Costumo indicar a página onde estava lendo com a tira que estiver à mão, assim é que muitas delas se encontram marcadas com alguma cédula de dinheiro. Já acharam cédulas antigas, que perderam o valor, em velhos livros meus descartados. Quanto tempo levará para retornar à página marcada jamais percebo. Pode ser o dia seguinte, daqui a um mês, nunca mais?

Nesse ritmo de ler assim é que outro dia me caiu na vista o livro "Anônimos: Invenções de Amor, Morte e Quase-Morte", coletânea de 17 contos de Lindevania Martins. Já nada tenho guardado na lembrança sobre o impulso que levou minha mão tocar no livro, nem em que livraria o alcancei, mas pode ter sido pela breve nota da orelha, assinada por Couto Correa Filho, autor de "Por Espanha" belíssimo livro de poesia.

Posso ter sido atraído pelo nome da autora, de estranha sonoridade, Lindevania, pelo breve e multifacetado currículo: ex-delegada, Defensora Pública, poeta, artista plástica. Quem sabe não terá sido o Prêmio Odylo Costa filho, conquistando o 1º lugar no 27º Concurso Cidade de São Luís? Também posso ter sido traído pela opção machista ao ser laçado pela beleza morena de Lindevania Martins, explicitada na foto que ilustra a apresentação.

Ou então ter sido levado por todo o conjunto dessas atrações e até pelas "Palavras da autora" que introduz o leitor ao texto. Embora muitos discordem e achem até uma inutilidade o autor discorrer sobre a própria obra literária, Lindevania faz questão de esmiuçar, não só a narrativa, mas o livro todo, desde o título "oriundo de uma peça clássica, ouvida insistentemente durante a tessitura das estórias narradas".

"Creio que toda escrita é intencional" – diz Lindevania Martins. "O livro ora apresentado não foge à regra das intenções. Uma delas era expor as contradições, pequenas ou grandiosas, das quais o ser humano não consegue escapar, mesmo quando acredita poder fazê-lo".

E continua a enredar o pretenso leitor na malha de suas intenções artísticas, em curtas análises prévias dos contos. "Em 'Veia', há um amor que se quer nobre, mas que se alimenta do crime. Em 'A menina e o gato', uma criança é atormentada por uma mãe sádica que, por sua vez, é atormentada pela filha esquizofrênica". E por aí vai: "nenhuma escrita é inocente", afirma para prefaciar as narrativas "O olho", "A língua". Os contos "A velha" e "Acerto de contas", serão reflexos do desejo de "exorcizar fantasmas comuns: a solidão, o abandono, a incompreensão".

Para que o leitor não se assuste com tantos dramas, Lindevania adverte: "Mas nem tudo são espinhos e o leitor, apesar de tudo, encontrará paragens amenas", que virão em

“Pescaria”, “Flashes na vida de Marina”, “Suspeita” e “Fotografias”. Agora, pensando bem, não teria sido por essa introdução que comprei o livro? Pode ter sido, pode ter sido... Mas não dou tanta certeza a essa opção. Li os contos de “Anônimos: Invenções de Amor, Morte e Quase-Morte”, bem escritos, corretamente escritos. Arrisco dizer que os textos falam por si, dispensando “Palavras da autora”.

O aval de Couto Correa Filho também é um ponto positivo: “É sabido que o escritor apura o seu estilo e melhora com o tempo. Sua linguagem ainda está em fase de elaboração, mas, a julgar por este primeiro livro, já podemos contar com uma grande ficcionista”. É motivo que me faria comprar o livro, matar a curiosidade sobre a autora premiada, que se iniciava em letra de forma. Realmente seus contos estão num patamar retilíneo de qualidade. Não se rapara aqueles altos e baixos que costumam acompanhar os calouros: a prosa de Lindevania segue linear, na densidade adequada, sem grandes sustos.

Mas, o que terá acontecido com Lindevania Martins depois do lançamento do seu livro de contos em 2003? Afinal lá se vai 13 anos! Lindevania terá seguido carreira literária? Ou terá largado os contos pela poesia? Ou, deixando ambos de lado, terá se dedicado às palhetas de cores que também são de alegrar a vida? Ou continua a exercer, como padres, pastores e professores, a missão sagrada de defender os fracos e oprimidos do peso da injustiça?

Tenho vontade de afirmar que qualquer das opções de vida que Lindevania Martins tenha escolhido não terá se saído mal. Para isso servem as obras de arte – os textos de Lindevania levam-nos à crença de que existe na autora a artista, circunstância que a certifica como apta a enfrentar a vida e seus turbilhões e suas calmarias de águas mornas da beira da praia.

Como faz tempo que não vou a São Luís, quis o destino pôr meus olhos, 13 anos depois, no livro de inauguração da escritora Lindevania Martins e assim recordar as praias, as ladeiras, os paralelepípedos escorregadios onde hoje e amanhã circularão novos personagens representando outros dramas e tragédias da vida comum.

Rio de janeiro, Cachambi, janeiro de 2016.

Relato da mal sucedida viagem que fez o cronista Quincas Oliveira à fermosa cidade carioca no ano de 2015

Eia, pois, que estando anunciada a chegada do cronista por estas terras desde logo me apressei a antever intensas confabulações entremeadas por pratos típicos maranhenses, incrementadas pela espirituosa tiquira de Santa Quitéria, em que pese os males do cianeto que nela contém. A vida é risco… Porém ainda não era tempo do cronista chegar: costumava por aqui aportar ao sabor das correntes marítimas de águas frias que trazem os meses de setembro outubro, mas ainda era julho, temporada cuja datação oficial dava como invernosa. Mas navegou mesmo com o látego apontando o costaneiro…

E chegou apetrechado: além da companheira fiel trouxe a condessa, o conde e também Raimunda, uma roxa natural da ilha que sabe tudo sobre culinária maranhense e, como ninguém, tem gosto em preparar o arroz de cuxá com a mesma receita que aprendeu da avó centenária. Ou seja, o cronista fez barba, cabelo e bigode…

Assim provido atracou em Copacabana sendo recebido pela sazonal névoa densa que traz a vasa úmida espessada com salinidade excessiva – fruto do veranico da época quando o calor de trinta e tantos graus após a meia-noite se choca com o frio das águas e das correntes antárticas. De noite ainda se ouve leve o mar, o sobe e desce das ondas na alva areia. Sol pra quê?…

Mas o tempo das viagens ao redor do mundo deu ao cronista a receita para tirar proveito de tais circunstâncias. Não seria assim uma neblina qualquer capaz de solapar sua peripécia anual: posto que o aventureiro afrontasse pela proa da vida outras tantas cerrações, pesados nevoeiros, tempestades e garoas glaciais. Nem o ermo lamento crebro das gaivotas que procuram calor no interior. Ao contrário: tudo seria crônica…

Assim foi que logo ligou a máquina notebook para gravar em letras as primeiras vicissitudes – mas qual nada – o bichão negou fogo, piscou, morreu, apagou, acendeu, piscou, morreu, sem penitência, o que negou ao cronista dedilhar qualquer coisa em respeito à obrigação de cumprir a presença semanal no periódico em que tem assento. O frio ardeu os dedos, a ciática latejou…

Procurou e achou um doutor em computadores, deixou aquele corpo inútil aos cuidados do especialista e tratou de cumprir agenda de visitas, comilanças e bebelanças, ainda que em cada delas houvesse pequenos entraves: neste ano de 2015 o Rio de Janeiro é um imenso canteiro de obras, tudo cheira a poeira, engarrafamento de trânsito, ruas inacessíveis, travessas impenetráveis, tudo com vistas às Olimpíadas. Ano que vem…

A saborear, por isso, o que for prazeroso, deleitar-se descobrindo recônditos despoluídos, regozijar-se degustando uma panelada de frutos do mar no Albamar, libar um glorioso vinho alentejano, para depois jactar-se do triunfo, ufanar-se dos moinhos que derribou, vangloriar-se em suas crônicas e enfim gozar. Tema para as crônicas terá em demasia. Comprazer-se com a pedra, com a dor na coluna que o deixa muitos segundos entrevado…

Assim se sentia um poucadinho feliz, pensando-se escudado. Mas nada terá para protegê-lo do terror que advém: a máquina notebook retorna com alta do doutor técnico, mas ao primeiro teste sucumbe à temível recaída! Vixe! Tudo volta à estaca zero. Em breve os assuntos serão uma pilha de cadáveres em decomposição, pois ao cronista tudo se desmancha no ar se não tiver proveito a tempo. A névoa cinzenta cobre a cabeça quente, deixa o lombo travado…

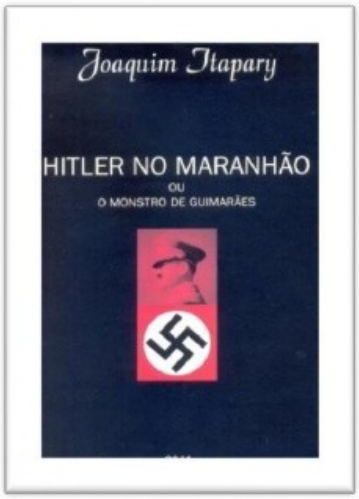
O fato é que o tempo se esgotou, a agenda de visitas e libações fora cumprida apesar dos pesares, a passagem aérea

estava marcada e isso é tudo que não se pode adiar, pois a fila anda, a vida segue, a maré sobe e baixa. O cronista deixou para trás as aporrinhações, menos uma, eis que o reparo da máquina notebook não ficou pronto e foi aí quando este escrevinhador entrou em cena para fechar o ciclo. Sem nenhum remédio para a coluna, mas bem disposto ao arroz de cuxá…

Mal o Comandante da aeronave autorizou o travamento das portas, principiou os movimentos para taxiar, mal o Airbus apontou a direção dos céus ao final da pista já na Ponta do Calabouço, eis que soa a voz do doutor técnico em informática ao telefone apenas para avisar que a máquina notebook estava pronta. Coisa que nem não narrei ao cronista, para não ouvir desaforo, carão, poucas e boas. Se a coluna melhorou, não sei…

Rio de Janeiro, Cachambi, 8/11 de agosto de 2015.

Joaquim Itapary
Hitler no Maranhão ou O monstro de Guimarães
(Edições AML - 2011)



– Hitler no Maranhão, que bobagem!

Dentro do trem rumo à Central do Brasil ouvi meu vizinho de assento fazer esse comentário. Ele me viu lendo o livro de Joaquim Itapary, que versa sobre esse tema. Como esse meu vizinho de trem é passageiro que também aproveita o tempo perdido nos transportes coletivos lendo romances, encetamos conversa. E essa foi a primeira frase que fez ao ler o título do volume que eu estava lendo.

Depois de me explicar que é expert em II Guerra Mundial, assuntou que nunca ouvira nenhum historiador ou ficcionista versar sobre essa possibilidade. Por minha parte, argumentei que o assunto tratava da teoria levantada pelo cronista e jornalista maranhense Joaquim Itapary, dando conta de que o Chanceler alemão Adolf Hitler, logo após ter seu bunker explodido por inimigos do seu regime, por medida de segurança, fugiu para o Maranhão, se resguardando de outras ameaças que poderiam atentar contra a sua vida.

O fato é que Hitler tinha sim vários planos de emergência que visavam protegê-lo (e a seus familiares) de ataques de inimigos que, antecipando à derrota iminente, surgia de todo lado. Russos, franceses, ingleses, norte-americanos, todos faziam esforços para chegar primeiro, dominar e capturar Hitler, que se tornara a presa mais preciosa da guerra, pois era favas contadas que a batalha estava chegando ao fim.

Em seguida ao atentado do bunker os assessores mais próximos de Hitler aconselharam-no passar uns dias fora de circulação, posto que temessem que essa tentativa frustrada de assassinar o Führer tivesse efeito dominó e contaminasse outros grupos insatisfeitos, detonando uma série de emboscadas.

Com um submarino completamente equipado e moderno, Hitler seria retirado da Alemanha por alguns dias até que seus desafetos fossem subjugados e executados exemplarmente, acalmando a revolta interna que minava as forças armadas alemãs.

O almirante Von Puttkamer tomou as rédeas da operação e foi assim que o UB-99 que transportava Hitler e sua comitiva foi parar a 2°07'57 Lat. S e44°36'04 Long. W, ou seja, na costa maranhense, cidade de Guimarães.

Um bom pesquisador não se perde em reticências, antes, parte à procura de veracidade e foi assim que o cronista Joaquim Itapary sacrificou um Carnaval inteiro e viajou para Guimarães em busca de indícios que dessem veracidade à suposta presença de Hitler no Brasil.

Junto com o cronista foi o ficcionista, que encontrou não só fragmentos do fato histórico, mas outra fábula cheia de excentricidades, e mais outra, em que o elemento amor configura o entrecho, e outra mais quando o espírito demoníaco tenta destruir uma vida santa, e uma mais: a exortação

excomungatória aplicada por via de um sermão do reencarnado padre Antônio Vieira. Mas toda essa explosão narrativa culmina na santa paz de Deus, no embalo das redes, na placidez da baía de Urubuóca.

No decorrer da trama, porém, surge a imponente figura de Afonsina – ou melhor, Afonsina Goulart Coutinho – professora típica interiorana, mas de inteligência, personalidade forte, beleza acurada – que despista o fato histórico, passando a assumir a liderança na trama. É uma ocorrência que se dá sem que o autor tome a iniciativa, a partir do momento em que os personagens assumem as rédeas do roteiro do romance.

Afonsina, que seria apenas o estopim da narrativa, com o tempo toma assento na sala e, entre cafés, manuês e bolo de milho – intercalando outros acepipes da culinária maranhense – passa a ser a própria relatora da presença de Hitler no Maranhão.

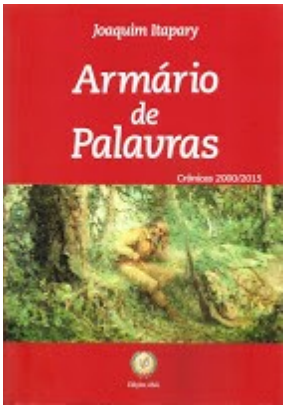
A partir daí cresce em importância a própria vida de Afonsina, seu relato de sobrevivência, objeto direto e personagem de fatos extraordinários, mulher forte que não se perde da trilha do saber nem se esquece de viver com audácia suficiente para se apropriar do homem que ama com garra, coragem e liberdade.

Quem quiser conhecer mais dessa história, quer saber do que se trata, quer tomar ciência das novidades, quer enriquecer e atualizar o tema histórico, posto que o mistério persista, é só escrever ao cronista maranhense e pedir o livro. Todos vocês haverão de conhecer e se apaixonar por Afonsina e tentar descobrir se é mais fato do que mentira:

– Hitler esteve de verdade no Maranhão?

Pergunte ao Joaquim Itapary: jitapary@uol.com.br

Joaquim Itapary, cronista por inteiro



Joaquim Itapary
Armário de Palavras
Crônicas
Edições AML
São Luís, 2015

A crônica, dizem os entendidos, é o gênero literário mais dinâmico, porque está localizado entre o jornalismo e a história: é o relato mais objetivo possível de um acontecimento, no tempo que ocorreu. Na verdade, a crônica hoje em dia tornou-se um gênero literário indefinido, assim como a novela, o conto, o romance. E para finalizar esta introdução, toda a literatura tá um cu-de-boi danado! Então, crônica é aquilo que o autor chama de crônica...

Há décadas que Joaquim Itapary anda de mãos dadas com a crônica semanal, mas demorou algum tempo para que assumisse de vez a crônica como gênero literário de sua preferência. Se isso ocorreu, diga-se, não foi por escolha própria, ao contrário, foi a crônica que o nomeou seu intérprete, assim como os espíritos elegeram Chico Xavier para narrar as histórias de outras vidas. São mistérios...

Ocorre que a crônica é um tipo de literatura cheia de pegadinhas, que começa desde o dia em que é enviada aos redatores, continua quando o leitor acaba de ler, segue quando o diário vai para o lixo e termina nas mãos do peixeiro ao

embrulhar a pescada – se não lhe for dado destino menos nobre...

Nenhum cronista nem daqui nem d'alhures ousaria imaginar uma trajetória além desse circuito de vida tão curta e de pouca fama. Assim sendo, correria risco de ser xingado de pedante, metido a besta e outros adjetivos impublicáveis. E como tiro de misericórdia, lerá a crítica demolidora que decreta a sentença de morte da crônica no dia que sai no jornal.

Por isso disse acima que a crônica é um tipo de literatura cheia de pegadinhas e armadilhas que põe a biografia do cronista em constante risco de vida. Certo dia, porém, Joaquim Itapary dormiu e acordou com a ideia fervendo na cabeça: por que não publicar as crônicas em livro?

Aí foi um deus me acuda! Opiniões a favor, palpites contrários, nada fez o cronista desistir do intento. Centenas de folhas espalhadas pela mesa de trabalho obrigaram-no a pedir arrego. A papelada teimava em não se organizar ao molde do autor.

Jogou tudo nas mãos de organizadores. As crônicas foram escolhidas por temática, outras pelo belo simples, mais algumas pela importância do assunto. Algum tempo depois, a maçaroca foi-lhe devolvida acompanhada de relatório, índice, colofão, notas explicativas, essas coisas feitas com profissionalismo e dedicação.

Mas qual nada! O cronista Joaquim Itapary, acostumado ao rigor das lutas pessoais, não se deixou tombar pelo canto das sereias. Tomou o leme nas mãos, imaginou as crônicas recitando os nobres versos de Walt Whitman: – Ó Comandante! Meu Comandante! – como se a ele fizessem o apelo definitivo: – Por favor, guie-nos!

Desde que a primeira coletânea foi publicada ("Sob o sol", 2000), estaria entregue aos leitores com recomendação de que seria a crônica o principal veio comunicador de Joaquim Itapary, embora não lhe falte talento nem competência para outras estiradas, como assim atesta a sua bibliografia. Em 2007 Joaquim repetiu o feito, desta vez declarando amor perpétuo à cidade de São Bento, que idolatra desde a infância e não deixa de visitar várias vezes por ano, assim que o tempo permite.

Agora que deixou as Folias de Momo de lado, deu conta de que as festividades carnavalescas andam muito desvirtuadas – como confirmam as crônicas Primeira, Segunda e Última do Carnaval, encontradas neste Armário de Palavras. Fugindo da folia, Joaquim Itapary arruma a mala e parte para a terra querida em busca da refrescância da alma, dos prazeres do corpo e da memória.

Assim nasceu o segundo livro de crônicas "Tapuiranas" (2007). Como a experiência seguiu o mesmo ritmo de "Sob o sol" (2000), em 2014 uma nova juntada se fez, estreando no volume a crônica de sabor universal que dá nome ao livro: "Onde andará Willy Ronis?". Ambos foram publicados pelo autor, mas sob a chancela da Academia Sambentuense, da qual Joaquim Itapary é membro.

Com este "Armário de palavras", saído neste ano de 2015, em coedição do autor com a Academia Maranhense de Letras, FAPEMA e SECMA, Joaquim Itapary prossegue no afã de resguardar um importante ciclo da história cotidiana de São Luís e do Maranhão, embora o cronista não deixe de lado o universo que cerca a Ilha Rebelde e de vez em quando traga para seus leitores notícia d'além mar. É pegar e ler.

Rio de Janeiro, Cachambi, outubro de 2015

Conversas com Quincas Oliveira

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quincas, bom dia! Arrumando as tralhas? Qual será o rango lá no Marcello hoje? Tenho saudades desses domingos. Te contei que ando meio 'travado' para escrita, né? Pelo menos me deu tempo para arrumar a fase de 'cordel' e já vai à meio do fim - não deu nem uma centena de folhetos. Me 'pongo a pensar' como me meti nesse negócio. Primeiro, foi por frequentar a Feira de São Cristóvão, isso é certo. E ali buscar amizade com a turma, poetas, cantadores e violeiros. Para simplificar as apresentações eu era o "Sá" ou "Poeta". Quando falam poeta, já sabe, é da 'poesia clássica'.

A frequência juntou o próprio Gonçalo, mais os poetas Expedito Ferreira da Silva, Apolônio Alves dos Santos, José Gentil Girão, Elias de Carvalho, Cícero Vieira da Silva (conhecido como Mocó), Jota Rodrigues, José João da Silva (Azulão), Raimundo Santa Helena, José Duda Neto, Franklin Maxado, Sepalo Campelo, Raimundo Silva, também os artistas Marcelo Soares (gravador), Zé Andrade (escultor), Ciro Fernandes (gravador) – e mais uma ruma de poetas perdidos no esquecimento. , várias parelhas de violeiros/cantadores.

Eu admirava a riqueza dos poemas e me perguntava: - Será que tenho capacidade de fazer isso? Um dia vi na livraria um livro popular: Interpretação dos Sonhos. Peguei e vi que poderia servir de 'exame de admissão'. Foi o primeiro folheto: Interpretação dos sonhos. Mostrei a Frank Maxado (baiano de Feira de Santana), ele leu, leu e disse mais para ele mesmo: - Rapaz, o cabra é poeta!

O poeta Gonçalo Ferreira da Silva, amigo e cordelista que já passou do folheto centenário um dia me chamou: - Sá, estou fundando a ABLC, posso por seu nome entre os fundadores? Claro que sim e dei o meu apoio, mas pensando nas tantas e tantas 'academias' iguais que tinham sido fundadas e 'afundadas'... Mas a ABLC se firmou, faz suas reuniões na sede do IHGB do Rio e acolhe na membraria, outros poetas, outras artes – porque não fosse assim não vingava.

Como ocorre em tudo que me meto, estudei muito a poesia de cordel. Ao fazer me livrei das regras da poesia moderna, com respeito à rima, a métrica, os temas. Fazer poesia de cordel me divertia. Enquanto isso, a democracia (nossa podre democracia) voltou, a turma se dispersou, um dia decretei – não faço mais cordel. E larguei de lado, como também larguei a poesia 'clássica'. Hoje, contrariado, só atendo a pedidos.

Neste balanço apareceu a verdade: realização pobre, mínima – nem chega aos cem folhetos, apesar do gigante cordel "Macunaíma" – o livro todo. O Gonçalo se queixa a mim, que tem tantos folhetos, "mas nos livros o Sá é mais citado..." E eu cá fico invejando do Gonçalo o sucesso como cordelista para crianças, que é outro desafio.

Estou detalhando isso mais para mim mesmo, para botar ordem na cabeça... Esses poetas artistas também faziam ponto nas praças e ruas, embora na época o artista de rua fosse na lei enquadrado como 'camelô' e portanto sujeito a prisão. Alguns deles não frequentavam a Feira de São Cristóvão.

Bom chega de prosa. Me abraça daí que te abraço daqui. Bom domingo para todos e beijo nas crianças que eu mando. Bs abs Saloca

PS: O Sá de João Pessoa morreu no voo 447 da Air France a caminho de Paris onde iria receber o Prêmio Goncourt.

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quincas, agora vejo que você é um perfeito moleque: só agora li a crônica que deveria sair hoje no Estado do Maranhão.

Além da barulheira que ocorre aqui ao lado, resolveram quebrar o banheiro do apartamento para reparos. O sofrimento só aumentou: passei o dia longe de casa. Descobri que detesto obras ruidosas.

Quanto à crônica, quero te avisar que acabo de impetrar mandado de segurança para impedir tal publicação – se a Copa não atrapalhar sai hoje mesmo. Com isso, não te censuro – longe disso – te protejo porque és meu mano querido.

Vê bem o que a publicação pode te acarretar: 1) demissão do jornal por justa causa; 2) prova de incapacidade mental (em juízo pode justificar a tua interdição); 3) processo por difamação e injúria; 4) pedido de indenização por danos morais. Esqueci algum?

Ademais o texto mais parece obra do Qorpo Santo... Enfim, bota a cabeça no lugar, liga pro Estado e pede para não publicar esse absurdo que não mereço. Bjs, abrs, Saloca.

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quincas, Bom dia! Já passou o foguetório que tua crônica provocou no meu ego safado.

Ontem assisti na TV uma velhinha falando sobre história de Brasil e Portugal. Como na maioria das vezes, peguei o programa meio andado e só depois fui saber o nome dela: Judith Cortesão.

Rapaz, a menina é cobra! Pelo sotaque é portuguesa, discorre de maneira clara e contínua, fluente, ademais com conhecimento. Sem a afetação posuda de pseudo-historiadores que aparecem declarando, quase sempre, verdades definitivas.

Será que esta senhora é parenta daquele escritor Jayme Cortesão? Se for é filha ou neta, né? Taí, gostei deveras. Dela ouvi: os jesuítas eram catalães, bascos, andaluzes, galegos, etc. – repare que não diz como sempre ouvi "os jesuítas eram espanhóis".

E mais (essa é para ti), que no Maranhão tinha um Rio dos Gentios, que os jesuítas chamavam "Rio dos Satanases". No mínimo é curioso, né? Abaixo o que publiquei agorinha mesmo no pequeno espaço do facebook:

"Vi postadas aqui no facebook fotos da reunião que a família da minha irmã fez ontem, não só para assistir a Copa 2014, mas porque é aniversário do sobrinho-neto Artur, que está crescidão, bonito e forte. Ademais, está aqui em visita ao irmão o meu amigo Manolo Varela, que se despregou dos altiplanos chilenos para ver os jogos mais de perto. Fizemos - os irmãos Varela e eu - muitas farras no tempo de solteiros. Gostaria de ter ido para abraçar os amigos que não vejo faz tempo, para rever os irmãos Varela, participar da bela confraternização que testemunho nas fotos. Mas não fui chamado: esqueceram de mim! Fiquei chateado. Aliás, chateado não, fiquei puto! E ainda estou puto mesmo! Bom, foda-se! Ninguém mais do que este aqui defende a ideia de que família é tribo. Então, decido: esqueçam-se de mim-2, não contem com minha nobre presença para mais nada. E também não precisa ninguém ir à minha cremação – estão todos desconvidados!

(Sexta-feira, mal humorado para caralho)". Com esse desgosto fingido te abraça e beija o primo-ermão e fã... Saloca

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quincas, mano velho. O teu e-mail acendeu o alerta. Errei de alvo: o mau humor estava aqui mesmo, talvez por causa da gastrite aporrinhadora que me deixa com a sensação de que o diabo mijou no meu estômago, talvez pelo barulho irritante que vem das máquinas que operam no terreno ao lado, onde derrubaram todas as árvores e levantam um condomínio com quatro blocos.

Isso tudo somado me fez até em começar a escolher onde distribuir o montículo de cinza que irá sobrar do meu esqueleto, liberto de gorduras, músculos e pêlos – mas não dos pecados. Quisera eu fosse algum lugar daí do Maranhão: meu voto é por Barreirinha ou São Bento, para te homenagear, quiçá em Rosário, que não conheço.

Outro dia ouvi o Ariano Suassuna falando na TV a introdução ao Sermão da Cinza, de Vieira, tão bem encaixado neste tema que me azucrina, que me instou procurá-lo (o Sermão, não o Suassuna). Achei de vários nomes e da Quarta-feira de Cinzas – não acho que fosse o caso –, pois o tema no fundo é: somos cinza hoje, somos cinza amanhã. Na verdade é pura retórica, mas belo, quase poético. No entremeio encontrei outro, este que te mando, do Padre Manuel Bernardes que, mesmo vieirista ferrenho, hás de achá-lo interessante e bonito.

Por fim acalmou-me mais ainda o mau humor assistir ao vídeo "Nélson Freire" de João Moreira Salles que, se não é excelente, é bom. Deixa margem a muitos diretores desvendar a vida desse gênio do piano – aos quatro anos sua professora do

interior de Minas ‘expulsou-o’ de Boa Esperança para o Rio de Janeiro, onde conheceu Guiomar Novaes e outros músicos de renome; dois anos depois já fazia turnê pela Europa. Vê se acha por aí e desfruta...

Debaixo do som azucrinante de uma britadeira (que o carioca apelidou ‘motocicleta de baiano’), te mando um abraço cheio de desculpa pelo mal entender. Saloca

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quincas, Te acompanho no pesar sobre Ubiratan Teixeira, que conheci no tempo que ele havia retornado de Paris, onde tinha ido aprimorar a Direção de Teatro - que na época era a paixão dele. Ubiratan tomou para si a tarefa de formar o Grupo de Teatro Universitário do Maranhão, que iria se apresentar no Festival Nacional do Teatro do Estudante, criado e organizado por Paschoal Carlos Magno.

O Mário Leonardo Pereira fazia parte do grupo e eu ia sempre assistir aos ensaios. Quando faltava alguém, tinha sempre uma cadeira ao lado para que eu sentasse e fizesse a fala do faltante. Se não me falha a lembrança, a peça era "O casamento forçado", de Molière.

O maior trabalho de Ubiratan nos ensaios era fazer o grupo entender que se tratava de uma comédia, isso porque a fala sempre vinha com a empáfia, comum em atores principiantes, provocada pela vontade e ânimo de ‘ser ator’.

Geralmente nós já tínhamos bebido algumas antes de chegar ao ensaio, então a minha fala - que eu declamava de maneira simples, porque descompromissada - servia de fundo aos esporros que ele geralmente dava ao corrigir a

interpretação. Não precisa dizer que não vingou nenhum Paulo Autran daquele grupo.

Depois fui encontrá-lo na Secretaria Estadual de Agricultura (acho). Imagina que fui mandado por meu pai para fazer teste de admissão para a função de auxiliar administrativo. Quando cheguei lá, quem ia promover o teste? O Ubiratan. Fiz o teste (a sério), ele não me disse para não me preocupar, que estaria aprovado, coisa assim, que seria de amizade, não. Acho que fui aprovado, mas nunca tomei posse desse cargo, porque meu pai faleceu, viemos todos pro Rio de Janeiro, chamados pelas Boabaid. Vida que segue. Isso foi nos anos 60/63 – ah, meus 18 Anos!

Ainda o encontrei quando o grupo chegou ao Rio de Janeiro para a apresentação. O evento era no Teatro Nacional de Comédia (hoje Teatro Glauce Rocha), ali na Av. Rio Branco, esquina da Rua da Ajuda. Procurei o Ubiratan, fui na coxia, lá estava ele com o grupo todo. Ele, sempre moleque, me chamou e disse que iria me apresentar ao Paschoal Carlos Magno.

Quando o Paschoal chegou, o Ubiratan me apresentou e saiu de fininho, me deixando só com ele atrás do pano de cena, um lugar semiescuro e deserto. O Paschoal, incontinente, passou a mão no meu pau e foi se chegando – tive que escapulir rápido. Depois encontrei o Ubiratan morrendo de rir com a turma toda acompanhando na gargalhada: ele tinha contado o caso. Eu caí de bobo, porque desconhecia as preferências sexuais de Paschoal, que, dizem, era muito chegado a rapazes, jovens e belos atores.

Fora isso, o Paschoal Caros Magno teve grande importância na cultura brasileira: fundou a Casa do Estudante. Hoje existe uma casa fora daqui do Rio – Aldeia de Arcozelo – um sítio antigo que hoje serve de centro cultural e artístico que também leva o seu nome. Em Santa Teresa tem o Teatro Duse, que ele inaugurou na própria casa que morava, para divulgar

peças de novos autores. Hoje é também chamada Casa Paschoal Carlos Magno.

No dia da apresentação voltei ao TNC, mas houve algum desarranjo, doença ou coisa assim, que limitou a récita a mostrar o grupo caracterizado para os cumprimentos e apresentar as desculpas ao público. A conversa com o Paschoal dessa vez versou sobre teatro...

Fui até ao aeroporto me despedir do grupo; foi esta a última vez que vi o Ubiratan. Fico chateado porque ainda esperava encontrar o Bira aí qualquer visita dessas.

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quanto a Judite Cortesão, realmente é uma sumidade em história. Me impressionou o conhecimento e a fluência no falar. Parecia até um Darcy Ribeiro – como falava o cara! – bem bonito e gostoso de ouvir! Gente assim tá sumindo, né?

Antes mesmo da Copa do Mundo aqui, sempre declarei meu favoritismo aos alemães, que estão com uma seleção de lascar. Deutschland über alles! Acho que pelo menos nas finais eles estarão. Abrs, bjs, Saloca

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Primo. Tenho recebido o registro que fazes dos amanheceres mirados da tua janela. O melhor trunfo que temos – os quase velhos – é saber gozar o amanhecer, constatar que

ainda desta vez não acordamos mortos. A indesejada anda longe, passou ao largo.

Mexendo na minha velha estante dei de cara com o livro de Gabo (Gabriel García Márquez), "Memoria de mis putas tristes" e parti para releitura. Se ler livros é bom para alguns tarados como nós, reler é mais melhor ainda, porque revemos o que não se tinha visto e saboreamos o que ficou virgem. É que nem a segunda trepada...

Estou lendo a primeira edição de 2004. García Márquez começa assim:

"El año de mis noventa años quise regalarme una noche de amor loco con una adolescente virgen".

Se vê logo que não é aquela escrita com preocupações literárias, que é o narrar de quem já largou a fama de lado e quer escrever com prazer, né?

A parecença com tuas (e minhas) manhãs vem no relato lá mais para frente (ao ler me ri de peidar):

"El dia de mis noventa años había recordado, como siempre, a las cinco de la mañana. (...) Los síntomas del amanecer habían sido perfectos para no ser feliz: me dolían los huesos desde la madrugada, me ardía el culo, y había truenos de tormenta después de tres meses de sequia".

Esse 'perfeitos para não ser feliz' é uma tirada, né? O detalhe é que, mesmo separado por vírgula, dá para se ler nas entrelinhas que os "truenos de tormenta", bem que poderiam ser "estomacales" ou intestinal – mas também rima igualzinho aos trovões que antecedem os temporais de São Luís, que alagam tudo e minutos depois se desmancham e o sol reaparece. E assim estou já a meio livro.

Em Gabo – principalmente neste raconto, que vaga entre memória e ficção – não dá nem se pode estar separando frases de efeito, pois tudo está sempre bem colocado. Mas em "Memoria de mis putas tristes" García Márquez sacaneia mais o leitor (mais ainda o tradutor), porque escreve em castelhano caribenho, que é outra escrita dentro da escrita. Tem frases inteiras que não entendo nada sem recorrer à tradução, mesmo precária como a minha.

[Ponto para mim: referi isso a você daquela cisma que tenho com Saramago e autores portugueses que, com a aquiescência maldosa do editor brasileiro, que exigem, com arrogância, publicar aqui em português "lusitano"].

Em particular para mim tem o fato de que a cafetina de GGM tem o mesmo nome da 'fornecedora', amiga e cafetina que conheci aqui no Rio de Janeiro: Rosa. Rosa Cabarcas aqui era Rosalba e por simplificar, apenas Rosa. Para esta escrevi um texto "Rosalba Romero sobe aos céus" e também um poema, depois que soube que tinha falecido (de cirrose). Oferenda merecida que fiz por Rosa, em memória da cafetina que me proporcionou horas e horas de prazer. Também visitá-la só para conversar era bom. Nunca soube a idade real dela, Rosa, eis que mantinha sempre a pele fresca e lisa, loura, olhos verdes, de corpo mais para magro – tratava-se muito bem.

Ademais, Rosa tinha feito duas operações: uma para diminuir os enormes peitos, outra para apertar a vagina – os peitos, ela me mostrava com orgulho: peitinhos de menina – dizia; na vagina, como pude constatar in loco, a operação surtira efeito – ficou super-apertada sim. Mas essa operação deixou um defeito: já não se molhava, perdeu o húmus, a umidade líquida que faz a gente deslizar para dentro como um mergulho no mar.

A paixão dela – além da profissão de fé, a cafetinagem, à qual tinha aderido por legítima vocação missionária – era beber

o bom uísque, chocolates, flores – presente que não faltava em todas as minhas visitas. Deveria me bater o remorso por causa da cirrose, mas não o sinto porque beber uísque e cafetinar eram vícios inatos nela, como o prazer e a alegria.

Rosas vermelhas e uísque – não se pode falar mal da mulher que tem tal gosto. Além do mais, quando eu chegava de surpresa e não tinha nenhuma 'novidade' feminina, os presentes, o litro de blended, as rosas, o chocolate, tudo servia de desculpa e acabávamos na cama dando umas... Como vês, também já tive "mis putas tristes". Para quem escreve, porém, nem tudo são flores, nem mesmo para García Márquez, lá pelas tantas ele solta um pum literário:

"Nunca olvidé su mirada sombría mientras desayunábamos: ¿Por qué me conociste tan viejo? Le contesté la verdad: La edad no es la que uno tiene sino la que uno siente."

¡Que mierda Gabo! ¿Qué pasó? ¡Carajo! Escolher frase de almanac, não é mesmo Quincas? A idade não é a que se tem, mas a que se sente. Francamente. Ora bolas! Enfim, por quem sois, se tudo perdoamos a todos, por que não a Gabriel García Márquez, que nos deixou tanta fartura e alegria? Como ainda não terminei a releitura, por enquanto é só. Te abraço, etc. Saloca.

****

De: jitapary@uol.com.br
Para: rovedod10@hotmail.com

Mas, rapaz, isso é coisa que se faça? Um dia me obrigas à releitura do "A Carne"; agora essas sacanagens do Gabo, confissões meio fantasiosas de um cara que não dava mais no couro e queria se fazer passar por putanheiro. E fica páginas e mais páginas a repetir, com uma monótona canção de

despedida dos prazeres da vida, ameaçado pelo câncer: Já fui bom nisso, já fui bom nisso, já fui bom nisso.

Pior é que ele te leva pelo braço e te põe a repetir com ele esse bordão de pretenso fodedor de conas, xoxotas, xiris, bucetas, pererecas imaginárias, sejam elas virgens, esbodegadas, apertadas, arrombadas ou frouxas, que a tudo a imaginação se permite e facilita.

Isso é pura punheta intelectual. Ninguém precisa de caralho nenhum para esse tipo de onanismo. Esse Gabo, principalmente, segundo consta, não era lá muito lidador em conúbios heterossexuais. Vargas Llosa falava muito mal de sua masculinidade.

Homem que leva um soco na cara, em ambiente público e à vista de dezena de pessoas, e não reage à altura pode lá sair por aí falando de suas putas? Aliás, se teve mesmo putas essas são seriam tristes por falta de serventia para os misteres da profissão? Putas sem proveito, não fodidas, julgam-se imprestáveis? E pode haver coisa mais triste do que uma puta imprestável para o ofício da fornicação?

Oras, bolas! Para de ler sacanagem imaginária. Se queres sacanagem atual, concreta e de primeira ordem, arranja um exemplar do Programa do PT.

Ouve a Dilma e o Lula, e terás o nec plus ultra em matéria de sacanagem: dois fodendo 200 milhões! Abraços.

****

De: rovedod10@hotmail.com
Para: jitapary@uol.com.br

Quincas, Acho que te peguei de mau humor, ou te aborreci, na última 'carta' que mandei. Bad day? Pode ser.

Excessos no que escrevi? Também. Mênstruo? Não. Foi o tema? Nunca pensei que escrever sobre García Márquez te deixaria puto. O que pode mais te amofinar? A edição dos livros vai mal? Bom, seja qual for o motivo que te chateou, não passo a você o cetro que é meu: o rei dos pretextos para aporrinhação. Quer dizer, só causas, porque as tenho cotidianas – mas nem por isso quebra-me o ânimo de viver.

Quanto ao escrever livre, sem peia, isso nem a mim posso controlar – está arraigado. Sabe mais o que descobri? Tenho o vício de transfazer em literatura tudo que escrevo. Enfim, com essa resposta em forma de 'intriga', com essa frescura, me tiras o sono, me dás dor no peito – mas não me estragas com infarto. Não.

Aos fatos: qual motivo desconheço que te faz pensar García Márquez um qualira? Desancaste o cabra! Por outro lado, supondo-se que o narrador de 'Memoria' seja alter-ego do dito cujo, está lá:

"Despiértala, tíratela hasta por las orejas con esa pinga de burro con que te premió el diablo por tu cobardia y tu mezquindad."

Algo te deixou de pinimba com Gabo, quiçá em tuas andanças e compromissos internacionais, como embaixador, enfim, coisa que não sei?

Não sei! Ademais, reparei que minhas leituras são autocensuradas: leio tudo e todos, porém, algumas vezes escolho os livros levando em conta a ética (política, pois) do autor. Por isso, em desrespeito a muitas atitudes políticas retrógadas, ao repúdio do título de Marquês que ostenta – nobre que é – pouco li de Vargas Llosa, quase nada, nem posso compará-lo ao Gabo, e se fosse melhor, para mim não seria. Milhares de grandes escritores povoam a terra: assumo o direito

de ter a minha ética pessoal para barrar o que considero, para usar expressão de moda, política-incorreto.

Para te acalmar a repulsa contra García Márquez, as sugestões musicais a que alude no livro até que são mais ecléticas: Prelúdios, de Chopin, gravados por Stefan Askenase; Sonata para violino e piano, de Cesar Frank, por Jacques Thibault e Alfred Cortot – para sacanear ouve também Eric Satie, que em mim salta entre o audível e o 'saco' total...

Agora vê se não é coincidência muita: lá pelas tantas, em única aparição, Gabo mete uma personagem com o nome de Rosalba Ríos – xará da cafetina que conheci.

Oras, primo, te escrevo as oito da matina desta segunda-feira, nove de junho, e botei os Noturnos de Chopin por Maurizio Pollini como música de fundo para começar e levar mais um dia a reboque, não digo feliz, porque aí é deboche contra o que a natureza do tempo me reservou. "No hay peor desgracia que morir solo" – escreve Gabo nas últimas páginas do conto, que encerra com a data: Mayo de 2004. Ou seja: já se passaram mais de dez anos e estamos aqui peleando... Abrs, bjs, etc. Saloca

****

De: jitapary@uol.com.br
Para: rovedod10@hotmail.com

Primo, estou feliz por te haver feito levar a sério do que escrevi sobre o Gabo só de bandalheira, só mesmo para te sacanear. Sinal de que meu texto tem razoável capacidade de convencimento...

Porra, eu sou lido e relido em matéria de Gabriel. Mas a história do sopapo que levou do Llosa é real. Fiquei puto porque

o pequenino Garcia não revidou com uma cacetada na cabeça daquele cara, bom escritor, mas metido a pavão de galinheiro.

Enquanto estiveres a ler o Gabo lembra-te de que eu não entrego a ninguém o posto de admirador do seu talento. Aliás, tu leste uma crônica minha sobre ele: "Retoques em um Nobel". E Então, te peguei pela perna, hem? Abraços, Quincas.

Luar em Panacoatyra

Luar sobre Panacoatyra (*)

Caro cronista Joaquim Itapary. Instado pela leitura de suas crônicas, confesso, resolvi incluir a Ilha do Maranhão no meu roteiro de férias, para finalmente conhecer a cidade que, sob sua pena, embora não esconda as próprias mazelas, muitas belezas tem: São Luís. Constatei in loco que tudo que está em seus escritos é verdadeiro, que também é verdadeiro o sentimento de paixão e ira que permeia suas palavras quando vê a cidade querida maltratada pelos administradores, que deveriam governar com equidade, mas não o fazem.

Visitei muitos dos lugares a que você alude nas crônicas e, ajudado pelos roteiros e dicas que deixa entrever nas entrelinhas, descobri belezas e fealdades, escondidas dos folders e das reportagens turísticas que costumam ser e divulgados nos hotéis. Que fazer? Paris, Nova York, Buenos Ayres, Xangai – são cidades belas, mas também escondem as mazelas e maldades de toda cidade do mundo. São Luís não poderia ser diferente... Ou poderia?

No fim de semana meus anfitriões tinham me prometido visita a um lugar ainda selvagem, recém-desvendado e que se transformou no mais novo balneário da cidade, local da moda,

onde as primeiras moradias começam a ser erguidas, de nome para mim estranho, pois nunca o li em qualquer de suas crônicas: Panacoatyra. A descrição subjetiva era a promessa de casa ampla e confortável, bem em frente ao mar – o que me fez imaginar um descanso de pernas esticadas e copo à mão, ouvindo o som e assustado com o respingo das ondas quebrando a meus pés.

Qual não foi minha surpresa ao chegar, não pela casa, que era realmente ampla e confortável, de acomodações aconchegantes, mas pela ausência do mar. Quilômetros e quilômetros de areia dura como asfalto se estendiam praia afora a perder de vista – mas nada de mar, nada de ondas e nada da vasa que vara as narinas, salobras, insinuantes, almiscaradas, saborosas até.

A pergunta veio direta e seca:

– Cadê o mar? Espanto geral, olhares insinuantes, risos contidos.

– Então, não está vendo? Lá.

Levei o olhar ao local indicado e o que vi foi uma fímbria de água, longínqua, brumosa, igual às que se vê nos cinemas – uma miragem no deserto, distante mais de quilômetro da varanda, das pernas esticadas, do copo de uísque com água de coco. Ante o meu silêncio espantado, mais risos, mais aquele tisc tisc tisc, só faltaram debochar da minha ignorância.

Meia hora depois os copos começaram a tintilar, o cheiro de carne principiou a fugir da churrasqueira, os peixes e crustáceos marinavam em poças de alho, limão e cheiro verde e logo após já estavam sendo servidos os aperitivos, uísque, cachaça e essa coisa esquisita chamada tiquira – tudo isso, somado à palestra amena e agradável dos anfitriões, me fez

esquecer a distância que me separava do mar, que passou a ser parte secundária da história.

Fato é, caro cronista, que, estando abancado à frente da casa, esquecido de todos, mas bem abastecido de bebidas e acepipes, pude assistir ao pôr-do-sol e ver o véu da noite deitar-se sobre Panacoatyra, de tal modo em sequência volumosa, tão ágil e imperceptível quanto à sombra do álcool enublava minha mente e meus olhos.

De repente, sem mais nem menos, um tremor saído assim do nada, abalou os alicerces da casa, a varanda começou a se mover. Um ruído misto de motor de trem e marulho do mar encheu o ambiente, como uma máquina fantástica, saída das histórias de Jules Verne. Num átimo me vi transportado adiante, não em pequena velocidade. Em verdade não sei quem se movia mais rápido, o mar ou a casa, mas o fato é que se não houvesse como parar essa loucura, um choque inevitável entre ambos se daria.

A única coisa sincera que havia era uma lua cheia que varava as nuvens cinzentas, espelhando sobre as águas uma estrada infinita de prata e contas de pedras preciosas, um colar para enfeitar o colo de Panacoatyra. Esperei corajosamente agarrado ao copo de uísque – o mar que vinha e a casa que se atirava à frente, como o embate entre o Titanic e o iceberg. Não rezei nem para São José de Ribamar, nem para Iemanjá ou para Netuno, Rei do Mar. “Me arranjo aqui mesmo com a tiquira de Santa Quitéria, o camarão seco, mais o uísque Brown Label, dito escocês” – disse à minha alma, já que não tinha ninguém que me socorresse.

Essa tutaméia durou alguns segundos, não mais. Para arrematar desse susto sem tamanho, ficou tudo estagnado – a casa e o mar, frente a frente – como se dois titãs olhassem um ao outro em desafio. Dei um grogue na tiquira, mordi um camarão e fiquei ali, o cu pequenininho, esperando o choque

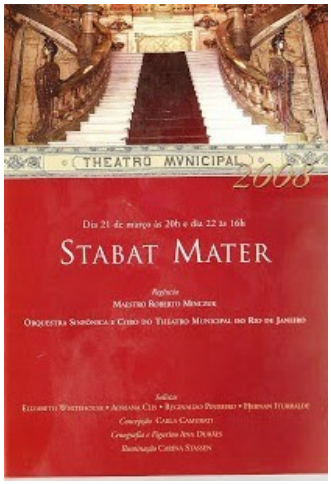
fatal. Mas nada aconteceu, ou melhor, o que ocorreu é que a casa começou a vibrar de novo e o mar borbulhar em refluxo, ambos se afastando um do outro. Em poucos minutos estava tudo tal e qual começou: o mar virou miragem apenas e a casa aquietou-se na noite.

E foi assim que me encontraram, lá na varanda, sozinho, as calças molhadas (uns dizem que era mijo outros, que foi água do mar), lívido como a tiquira, uma cabeça de camarão esquecida entre os lábios, a expressão de alegria, olhos sorridentes como um devasso. O fato é que – caro cronista – de hora em diante prefiro ir conhecendo sua terra na leitura dessas maravilhosas crônicas que saem semanais. Assim não gasto passagem, nem hotéis, nem corro o risco de ser convidado a lugares misteriosos e fantásticos que nem essa tal de Panacoatyra...

Dê cá um abraço a seu fiel e agradecido leitor, despeço-me, etc.

(*) Foto Joaquim Itapary

O Stabat Mater e o primo distante



Poderia ser apenas uma má apresentação da Orquestra e Coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro porque contava o nervosismo do início da temporada de 2008. Tudo bem que o risco era previsto já que o Stabat Mater de Antonin Dvorak não é um primor de facilidade e exige uma carga dramática que ultrapassa o sofrimento de Maria aos pés da cruz. O próprio maestro Roberto Minzuk advertia no Programa:

"A Semana da Paixão é uma data mais do que propícia para celebrarmos o começo de uma nova temporada. Grandes obras musicais foram escritas para esta celebração. Uma das principais é o belíssimo e pungente Stabat Mater de Dvorak, que explora pura e profundamente as ricas sonoridades do coro, orquestra e solistas".

Talvez a excessiva busca do preciosismo tenha deixado todos muitos nervosos, principalmente os solistas. A soprano Elizabeth Whitehouse assustou-se durante a apresentação, mercê de um breve respirar fora de hora, a companheira mezzo soprano Adriana Clis apenas fez o dever de casa, sem sobressaltos nem maiores prejuízos. Loas para o tenor Reginaldo Pinheiro que, sim, entrou no espírito dramático do Stabat Mater e também não fez feio o barítono Hernán

Iturralde, mas não foi capaz de levantar a platéia.

O coral e a orquestra não perderam a viagem, ao contrário, salvaram-na com bom desempenho. Bravo! Mas, princípio de temporada é assim mesmo, cheio de zebras. Porém, um branco maior ocorreu com este que vos fala: por uma falha lamentável não comprei o ingresso para o primo distante que intitula o texto. E o primo distante, do qual não renego o nome, Joaquim Itapary – mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa – não foi ouvir Dvorak comigo. Fiquei deveras chateado com a minha incompetência...

Não obstante as palavras de Minzuk, Dvorak não compôs o Stabat Mater para uma determinada semana-santa. A verdade é que Dvorak começou a compor a peça seis meses depois de perder sua primeira filha Josefa, que tinha apenas dois dias de nascida. No sete de maio de 1876 o compositor larga o Stabat Mater de lado e só retomou-o quando "um terrível golpe do destino" abateu-se sobre sua família: sua segunda filha Ruzena se envenenou de modo acidental com onze meses de idade. Para completar a tragédia seu filho Ottakar de quatro anos contraiu varíola e não resistiu. Depois de levar tanta porretada é natural que o compositor, católico por devoção, derrame sobre a partitura interrompida toda a dor provocada por tantos revezes.

O milenar poema sacro, ora atribuído ao Papa Inocente III (+1216), ora a Jacopone da Todi (+ 1306), encontrou, assim, mais um intérprete devotado do doloroso retrato de Maria sofrendo aos pés da cruz onde seu filho Jesus ferido agoniza. Mais de 400 compositores já eternizaram suas impressões musicais sobre esse texto, fazendo por merecer citação no Livro dos Recordes.

Mesmo cometendo a mancada com o primo distante, procurei remediar levando-o para beber um chope gelado na Casa Paladino, que realmente tem uma coleção de frios e

queijos bastante para acompanhar qualquer álcool. A variedade de omeletes então nem se fala. Mas a casa velhusca – que o primo distante batizou de Milagre de Santa Rita, por ainda se manter de pé hospedando tantos cupins – deixa muito a desejar nos quesitos higiene e atendimento: há muita mosca para espantar, os garçons são mal vestidos, servem suados, com trejeitos e defeitos de atendentes dos piores pés-sujos suburbanos – mal comparando. Basta dizer que o azeite, complemento indispensável para muitos dos acepipes ali oferecidos, é servido pelo garçom em gotas paupérrimas e miseráveis, pois, absurdo dos absurdos!, é absolutamente proibido deixar a latinha na mesa!

No entanto, foi-se o Stabat Mater, foi-se o Bar Paladino para o quinto dos infernos e foi-se o primo distante! O que ficou foi um poucadinho de saudade da presença dele e das muitas risadas felizes que, graças ao bom Deus!, sobraram de tantas agruras.

Rio de Janeiro, Cachambi, 1º de abril de 2008.

Nauro Machado

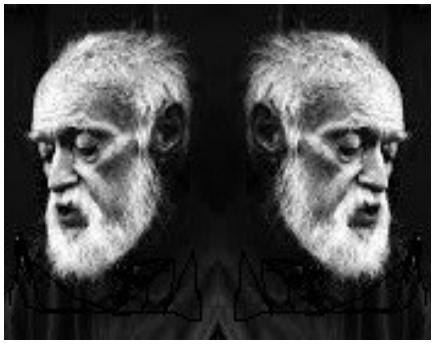


Foto: Márcia Carvalho

O primo Quincas manda de São Luís uma mensagem aflita: "Nesta madrugada, Nauro Machado faleceu em um hospital. Triste. O Maranhão vai a cada dia ficando mais miserável cultural, moral e economicamente". Logo depois outro e-mail, desta vez do Fernando Braga, confirma a tragédia e dá "Adeus a Naurito". Uma tragédia, sim. Era sexta-feira, 28 de novembro de 2015. Só agora, alguns dias depois, consigo me refazer da agonia de todos nós, admiradores e amigos de Nauro Machado: perdê-lo assim de modo inesperado, mesmo tendo ele somado agorinha mesmo os 80 anos de idade.

Disse de modo inesperado e assim foi. Ora, o poeta acabara de superar um câncer no esôfago, o que significa uma vitória, como quem diz: dona morte, vai te catar! Passa depois… Mas não, logo deram jeito de pegar o corpo fragilizado do poeta, cuja única vitamina de longevidade é a poesia, e metê-lo num hospital para outro procedimento. Ó humana burrice, quem se aventurará aos 80 anos na loucura de uma anestesia geral nessa idade? Quem ousará se internar nesses hotéis em que são hóspedes vírus e bactérias tão letais que derrotam a penicilina e todos os modernos antibióticos? Meu testamento tem um só parágrafo: – Não me interne em hospital.

Nem faz um mês contei a Quincas como conheci o lendário crítico e polemista Agripino Grieco, já beirando os 90 anos.

Agripino vivia numa casa amarela, na Rua Aristides Caire, no Méier, cercado de 40 mil livros. Desde a primeira vez que fui vê-lo, caía uma garoa gélida de umedecer os ossos, ele estimulou novas conversas. Disse-lhe que iria levar um gravador para registrar os encontros, a modo de entrevista. "Não precisa gravador, ele me disse, guarde de memória. Escreva. O que não lembrar, invente".

A última vez que o vi estava se preparando para operar: Agripino Grieco era rendido, como se diz popularmente, não sei se em causa de hidroceles ou hérnia. Eu fiquei obtuso com isso. Ele me disse que não tinha jeito, os médicos insistiram, os filhos viram como única solução, etc. etc. Nem preciso dizer que ele morreu no hospital. Ah, porra, já tinha 91 anos... é essa a justificativa de sempre. E foi assim que os hospitais viraram açougues, câmaras mortuárias.

Nunca fui íntimo de Nauro Machado, nem poderia, ele em São Luís, eu no Cachambi. Mas sua poesia sempre me acompanhou através dos livros que conseguia adquirir por encomenda aos livreiros seu Alberto ou seu Carlos, da Livraria Padrão, Travessa Miguel Couto, no Rio. Os livros de Nauro "Do frustrado órfico", "Noite ambulatória", depois "O calcanhar do humano", a alentada "Antologia Poética", da Editora Quíron e "Apicerum da clausura", foram lidos e relidos. Eles me serviram de base e estímulo para o artigo "Poesia Maranhense – a Atenas renascida" que escrevi para o Jornal DO Cultura (São Paulo, 1986).

Para dirimir o mal do exílio, algumas vezes vou à ilha de São Luís visitar o primo Quincas, o mano João, a grande parentada que me enche de saudade, pois a cada visita a recepção se esmera. Duas ou três vezes no intercurso dessas viagens tive a sorte de esbarrar corpo a corpo com o poeta. Nem sempre lhe dirigi a palavra: muitas vezes preferi acompanhar a figura esbelta e pacífica que descia flutuando a Rua do Sol.

Quando essa coincidência se deu no Centro Cultural Odylo Costa Filho, na Praia Grande, me acometeu uma crise de riso, meio lacrimoso: a maravilhosa emoção de ver os poucos cabelos brancos do poeta emergindo da multidão de jovens estudantes que o cercavam, não só para ouvir, mas para dirigir-lhe a palavra de igual para igual. Eram, poeta e leitores, irmãos que acaloravam a conversação, animando o silêncio do salão cultural. E os olhinhos do poeta? Brilhavam como quem se diverte, reconhecido e venerado, por quem deve verdadeiramente venerar e reconhecer o intérprete de seu tempo, da sua cidade.

Houve um momento em que pensei estar ali o poeta que emudeceria a poesia de outro grande poeta maranhense: Bandeira Tribuzi. Mas esse não era algum plano do próprio Nauro Machado e o que se deu foi uma transição pacífica e sequencial. Entre a poesia agitada de Bandeira Tribuzi e a calmaria que representa os versos de Nauro Machado, existiu apenas uma ponte: e era o José Chagas que estava ali, espiando...

Noutro dia espiei o poeta caminhando em direção à Praça João Lisboa. Deixei-o seguir o curso e passei direto para a Benedito Leite, que ali tem, ou tinha, um vendedor de sapotis maravilhosas, cuja polpa cede ao aperto mais leve e, ao ser mordida, transforma em mel a saliva que escorre pelo canto da boca. Depois de tanto prazer, seguia em frente pela Av. Pedro II, aonde está o Palácio dos Leões que, recém-saído de uma reforma, reluzia ao sol em alvura mediterrânea.

Lá adiante a maré cheia chacoalhava nos muros e rampas. Aí eu entrava pelas ruas Nazaré, Djalma Dutra, Portugal, até desembocar na Praia Grande, com a boca salivando e a garganta ressecada. Direto ao Mercado a fazer o teste das tiquiras e camarão seco. Refeito da caminhada, seguia sozinho tal qual um espião, olhando lojas, redes, artesanato. De novo entrava no centro cultural que era certo estar ali o poeta.

Nesse segundo encontro, como o assédio da estudantada não era tão acachapante, me aproximei e após os cumprimentos de praxe disse de supetão: – Poeta você me deve 15 reais! Nauro Machado, naturalmente espantado ante a inusitada cobrança, com o olhar exigiu explicações – e eu dei: – É que passando pela João Lisboa vi um livro de poesia numa banca de jornal. Na orelha você recomendava a poesia do fulano e eu comprei. Mas quando li…

Nauro, era cabra difícil de rir, mas quando ouviu meus comentários sobre a poesia e o poeta do livro, quase deu uma gargalhada. Só aquele riso valeu a brincadeira, que não carecia ser contestada. Mas ele ainda me disse ao pé do ouvido: – Aquele rapaz é muito esforçado, dono de uma gráfica. Eu devo a ele muitos favores e sou agradecido. Por que não? Nada errado. Eu e também os milhares de seus admiradores somos muito gratos a Nauro Machado pela poesia que a nós oferenda.

Nauro Machado é um poeta difícil? Já ouvi dizer. Nauro Machado é um poeta hermético? Já li por aí. Baboseira de intelectuais, críticos e ensaístas – a popularidade que Nauro Machado alcançou em sua terra, principalmente entre os jovens, é o contraditório de tais descobertas oriundas de banca universitária.

Seus leitores repudiam tantas teses e desse modo carimbam o passaporte para que sua poesia alcance o universo. É também uma resposta cabal a quem prefere cultuá-lo no limbo da “poesia para poetas”, na neblina cega da linguagem dos labirintos.

Onde andará Willy Ronis?

Joaquim Itapary
Onde andará Willy Ronis? (Crônicas 2000-2007)
Edições Academia Sambentuense
São Luis – MA - 2014

Esta não será apenas mais uma apresentação pedante, cheia de gabolice, perfunctória – mesmo porque o autor não necessita de tais malabarismos. Espero, ao contrário, passar um texto claro e compreensível de modo que qualquer curioso pegue o livro e se transforme em leitor, que possa formar ideias ao primeiro olhar, sem lambanças nem puxa-saquismo.

Portanto, desocupado leitor, a este blog coube prelecionar a primeira leitura deste "Onde andará Willy Ronis?" – livro saído do forno, que reúne as crônicas de Joaquim Itapary entre 2000/2007. Não me tocará de todo predizer a sua leitura, nem tampouco decifrá-lo ou decodificá-lo. O texto do cronista é de fácil entendimento, de interpretação cabal, de simples compreensão.

Em cronologia se poderia pensar que o volume trata de temas esquecidos e obsoletos. Esquecidos talvez, obsoletos jamais. Além da crônica que dá título ao volume, Joaquim Itapary trata de temas da sua cidade – São Luís – mas não só. Aonde quer que vá o cronista, em qualquer ponto desta Terra, aparece o sinal, o relógio, a agenda ou diário (algo biológico, enfim), para fixar o momento exato que o registro deva surgir e passar ao papel.

Nesse diapasão segue a cantoria e assim ele estabelece a cumplicidade necessária para que a leitura se derrame gostosa, apetitosa, fácil de saborear no pouco tempo que hoje sobra para a leitura: em casa, no ônibus, no avião, no terminal – em

ambientes insulsos por natureza. A curiosidade primordial do livro será: Onde andará Willy Ronis? Partindo de caso fortuito, a crônica incute a necessidade de considerar o "incidental", não apenas aleatório, casual, mas um imprevisto cuja eventualidade persistirá importante, cotidiana.

"Toda vez que vejo um retrato de criança, menino qualquer, costumo perguntar a mim mesmo: Onde andará ele hoje? O que teria ele feito de sua vida? Ou, o que a vida teria feito dele? É sempre assim".

E será sempre assim: quando sentarmos ao sofá com um velho álbum de fotografias, coleção de recortes de revistas e jornais, as interrogações abancarão ao lado, impondo-se como companhias irreversíveis, para o bem ou para o mal. Derramar alguma lágrima, espantar do ambiente a tristeza, soltar gargalhadas com mel, meditar sobre a eventualidade da vida – algo nos ocorrerá, repleto de comoção!

"Agora mesmo olho um retrato meu feito tem mais de sessenta anos. Sentado em pequena cadeira forrada de sola tingida de castanho, dessas que se abre e fecha para facilitar o transporte, baixa, quase a uns dois palmos do chão do grande quintal, cheio de fruteiras viçosas, da nossa bela e clara casa em São Bento, vejo-me vestido apenas de calções e sandálias, cabelos repartidos ao meio, enormes óculos de aro de tartaruga mal apoiados sobre o incipiente nariz, livro aberto sobre as coxas pequeninas, ar compenetrado de leitor imperturbável".

Em todas as crônicas deste livro haverá matéria para refletir, mas nem tudo será escuro, tenebroso. Não. Aqui terá o leitor companhia do contentamento, de frases que refletem o júbilo do instante, da situação que provocará o riso hilariante, fará passeios por avenidas e vielas inóspitas – são crônicas que trazem satisfação e jovialidade – porque nem só de tristeza é feita a vida, né?

Para ter o livro passe um e-mail ao autor: j.itapary@gmail.com. Como aperitivo vai uma crônica escolhida ao acaso.

****

Taririnha, o exemplar

Joaquim Itapary

Luís Gago

São Bento, bem ali do outro lado da baía de São Marcos, tranquilidade e paz seculares situadas sobre uma feliz ponta de terra antigamente coberta de altos matos, elevada apenas um pouco acima do nível da lâmina d'água que periodicamente nutre os campos gerais da Baixada, é uma cidade singularíssima.

Entre os costumes distintivos dos seus filhos há um excepcionalmente curioso: O de apelidar pessoas de maneira tão adequada que estas praticamente perdem o nome de batismo, incorpora o apelido aos nomes de família e o transmitem de geração em geração. Lá, por exemplo, há famílias Pisa Ouro, Bate Banha, Peixe Frito, Afoga Gato e outras de nomes até mais exóticos.

Na década de 40, a segurança pública da cidade estava confiada ao honrado delegado de polícia Luís Reis, com casa de moradia ao lado da nossa na principal praça da cidade e que, por ser tatibitate, ficou mais conhecido pelo apelido de Luís Gago. Seus auxiliares eram os policiais Balbino, apelidado de Balbino Perna-dura e um outro, conhecido por Taririnha, de quem o nome próprio até hoje ignoro.

Balbino ganhou o apelido de "Perna-dura" muito em razão de que uma de suas pernas quase não se dobrava durante o

caminhar. Foi, ao que suponho, o primeiro e único militar soldado incapaz para a marcha regular. Contudo, aquele modo diferente de caminhar não deixava de emprestar à sua alta e robusta figura um quê de solenidade, um ar de eminência. Tinha fama de sério e valente, cumpridor de ordens.

Já o Taririnha era tipo mirrado, magro e pequenino, meio amarelento, condição física que ficava mais evidente quando os dois únicos militares da cidade caminhavam juntos. Naquele tempo, o uniforme da polícia era feito em tamanho único. Cabia ao militar mandar recortá-lo, se quisesse, por sua conta. Solene dólmã de caqui abotoado até o gogó, quatro enormes bolsos, cinto e talabarte de couro negro, quepe armado com pala e distintivo, calças folgadas enfiadas em perneiras de couro. Tudo em tamanho grande.

Quando o fardamento chegava da capital, duas mudas para cada soldado, a gente logo sabia. Bastava ver o Balbino bem vestido, engomado, acessórios luzindo ao sol, farda bem caída sobre o corpo esbelto. Já o Taririnha, ao contrário, pobre demais, não tinha dinheiro para mandar que recortassem os uniformes recebidos. Sempre estava perdido dentro da farda enorme, olhos desaparecidos sob o quepe, três dedos maior do que a cabeça, pés 38 metidos em botas 44, braços sumidos no oco das mangas, apenas as unhas dos dedos médios subsaíndo no largo punho do dólmã. De tão folgado, o quepe de Taririnha não se movia mesmo quando ele bruscamente virava o rosto para os lados ou para trás; A pala, como agulha de marear, apontava sempre a mesma direção. Era uma boa pessoa. Mas o seu tipo não era o teoricamente adequado a um militar.

Pois bem, certo dia, o delegado Luis Gago ordenou a Taririnha que, armado de fuzil, sabre e revólver, trouxesse à delegacia, vivo ou morto, um homicida e desordeiro que infernizava sossegado lugarejo. Deixando a cidade em suspense, o intrépido policial partiu em diligência. A expectativa era: como Taririnha trará o bandido, vivo ou morto? Duas noites e dois

dias de ansiedade geral se passaram. Ao crepúsculo do terceiro dia de agônica espera, na ponta da Rua Grande surgem homens extenuados, ofegantes e calados, de vara aos ombros carregando uma rede toda ensanguentada.

Logo, dezenas de curiosos acompanham o macabro cortejo que pára apenas à porta da Delegacia. Solene, Luis Gago abre a rede e fica estupefato; Lá no fundo, rosto arroxeado, corpo e membros como se moídos em poderosa engenhoca, completamente emplastrado de mastruço e sal-grosso estava o resultado de suas ordens terminantes: Taririnha, desacordado, abraçado a seu fuzil, mal respirava.
(27/10/2005)

O autor

Salomão Rovedo (1942) teve formação cultural em São Luís (MA), desde a década de 1960 reside no Rio de Janeiro, onde participou dos movimentos culturais e artísticos dos anos 1960/1970/1980.

Textos publicados: Abertura Poética, 1975; Tributo, 1980; 12 Poetas Alternativos, 1981; Chuva Fina, 1982; Folguedos, c/Xilogravuras de Marcelo Soares, 1983; Erótica, c/Xilogravuras de Marcelo Soares, 1984; 7 Canções, 1987.

e-books:

Romances: A Ilha; Gardênia; Klara, Chiara, Clarinha; Geleia de rosas para Hitler (inédito).

Contos: A apaixonada de Beethoven; A estrela ambulante; Arte de criar periquitos; O breve reinado das donzelas; O sonhador; Sonja Sonrisal; Contos remidos;

Ensaios: 3xGullar; Leituras & escrituras; O cometa e os cantadores; Orígenes Lessa, personagem de cordel; Poesia de cordel: o poeta é sua essência; Quilombo, um auto de sangue; Viagem em torno de Cervantes; Stefan Zweig - A vida em xeque.

Poesia: 20 Poemas pornôs; 4 Quartetos para a amada cidade de São Luís; 6 Rocks matutos e 1 romance rasgado; 7 Canções; Amaricanto; Amor a São Luís e Ódio; Anjo pornô; Bluesia; Caderno elementar; Espelho de Vênus; Glosas Escabrosas (c/xilogravuras de Marcelo Soares); Mel; Pobres cantares; Porca elegia; Sentimental demais; Suíte Picasso.

Crônicas: Cervantes, Quixote e outras e-crônicas do nosso tempo; Diários do facebook e conversas com Quincas Oliveira (I) e (II); Escritos mofados; Diários do facebook (II); Diários do facebook (III); Crônicas Maranhenses.

Antologias: Cancioneiro de Upsala (Trad. e notas); Meu caderno de Sylvia Plath (Cortes e recortes); Os sonetos de Abgar Renault (Antologia); Stefan Zweig-Pensamentos (Seleção e ensaios).

e-books de Sá de João Pessoa: Antologia de Cordel #1; Antologia de Cordel #2; Antologia de Cordel #3; Antologia de Cordel #4; Antologia de Cordel #5; Macunaíma em cordel; Por onde andou o cordel?; O Cometa de Halley e os cantadores.

Diversos: Folhetos de cordel assinados Sá de João Pessoa; Editor do Jornal de poesia Poe/r/ta;

Colaboração: Poema Convidado (USA), La Bicicleta (Chile), Poética (Uruguai), O Imparcial (MA), Jornal do Dia (MA), Jornal do Povo (MA), Jornal Pequeno (MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates (RJ), Opinião (RJ), O Galo (RN), Jornal do País (RJ), DO Leitura (SP), Diário de Corumbá (MS) – e outras ovelhas desgarradas.

Os e-books estão disponíveis em: www.dominiopublico.gov.br, em: www.academia.edu e outros sites de armazenamento de arquivos para baixa livre. Verbete na Wikipédia. Pesquise o Google.

r

Foto: Priscila Rovedo